



INDIFERENÇAS, MIGRAÇÕES E CRISE HUMANISTA: Uma Análise de Conjuntura

Grupo de Análise de Conjuntura da CNBB – Padre Thierry Linard¹

24 de junho de 2025

*O que mata um jardim não é o abandono.
O que mata um jardim é esse olhar
de quem por ele passa indiferente...
E assim é com a vida,
você mata os sonhos que finge não ver.
- Mário Quintana*

NOTA PRÉVIA

A construção de uma Análise de Conjuntura é sempre um trabalho complexo. Envolve escolhas e diferentes competências na interpretação de uma realidade dinâmica, marcada por múltiplas ênfases possíveis – sejam elas sociais, políticas, culturais ou econômicas. Em reunião presencial realizada em Brasília, no início de 2025, este Grupo de Trabalho elaborou um calendário anual que

¹ Este texto é um produto da equipe de Análise de Conjuntura da CNBB. É um serviço para a CNBB. Não representa, contudo, a opinião da Conferência. A equipe é formada por membros e assessores da Conferência, professores das universidades católicas e por peritos convidados. Participaram da elaboração deste texto: Dom Francisco Lima Soares – Bispo de Carolina (MA), Frei Jorge Luiz Soares da Silva – assessor de relações institucionais e governamentais da CNBB, Pe. Thierry Linard de Guertechin, S.J. (*in memoriam*), Antonio Carlos A. Lobão – PUC/Campinas, Francisco Botelho – CBJP, Izete Pengo Bagolin – PUC/Rio Grande do Sul, Maria Cecília Pilla – PUC/Paraná, Jackson Teixeira Bittencourt – PUC/Paraná, José Reinaldo F. Martins Filho – PUC/Goiás, Ricardo Ismael – PUC/Rio, Manoel S. Moraes de Almeida – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Marcel Guedes Leite – PUC/São Paulo, Robson Sávio Reis Souza – PUC/Minas, Tânia Bacelar – UFPE, José Geraldo de Sousa Júnior – UnB e Melillo Dinis do Nascimento – Inteligência Política (IP). Este texto também contou com a colaboração de José Manoel da Mota Silveira – Assessor Regional de Migração, Refúgio e Apátridas da Cáritas Brasileira, Regional Nordeste 2, e Daniel Claudino Lins – Assessor Jurídico e de Incidência Política da Cáritas Brasileira, Regional Nordeste 2.





alternava análises mais conjunturais com outras centradas em temáticas urgentes e necessários à consideração. Esse projeto, no entanto, não chegou a se consolidar plenamente, em virtude do falecimento do saudoso Papa Francisco e, por consequência, do cancelamento da Assembleia Geral da CNBB em 2025. Diante da necessidade de reorganizar nosso fluxo de produção, optamos por manter como eixo central desta análise o tema das migrações e da crise dos valores humanitários. Ao mesmo tempo, buscamos não deixar de registrar os principais acontecimentos da conjuntura internacional – com destaque para o cenário de conflitos que tem dominado as atenções nos últimos dias –, assim como aspectos relevantes da conjuntura nacional. O problema das migrações, portanto, continua como o epicentro da nossa reflexão, por ser a consequência mais evidente e imediata da maioria das crises atualmente em curso

1. INTRODUÇÃO

“Sai da tua terra e vai aonde eu te mostrarei...” (Gn 12,1). Após dezenas de séculos, o chamado de Deus a Abraão, o primeiro pai, mantém-se como tônica da vocação cristã. Sair de sua terra, deixar o solo dos seus antepassados e peregrinar, em busca de uma promessa, tendo apenas a esperança como bagagem. No caso do exemplo bíblico, a condição de migrante de Abraão lhe impõe o mais baixo *status* social possível: ser o mais pobre de todos os pobres, aquele que não tem sequer a sua cultura, a sua língua, os seus costumes, mas assume a possibilidade de ser *outro* junto a outros. Por um lado, a garantia de que a promessa de Deus se cumpre justamente nos menores. Por outro, a possibilidade de que a identidade se beneficie da diferença, da relação com as alteridades descobertas pelo caminho.

A experiência da errância, do sentir-se fora de casa e completamente ao abandono da Providência também soou como marca da missão conferida por





Jesus aos seus discípulos: “Ide pelo mundo inteiro” (Mc 16,15). O cristianismo, nesse sentido, não é apenas herdeiro da atenção fundamental do povo da Antiga Aliança para com os mais fragilizados, entre os quais os migrantes, mas uma religião que se faz no caminho, indo e vindo, de lá para cá, para além de quaisquer fronteiras geográficas ou culturais. A libertação do “povo eleito” tornada possível pelo Messias Jesus não se limitou a uma nova configuração de domínio de um povo sobre outro, mas no alargamento da tenda, para que toda humanidade nela coubesse. Não mais uma perspectiva limitada e excludente, mas inclusiva e configuradora de uma mesma dignidade de filhos, pois, como lembra São Paulo em sua carta aos Gálatas, “já não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos são um só em Cristo” (Gl 3,28).

Ser um só em Cristo significa, de outro modo, estabelecer uma relação de igualdade com todos os povos da terra, eleitos “segundo a presciência do Pai” (1Pd 1,2) para herdar o reino prometido a todos os que creram. Para o cristão, portanto, a condição de *migrante* é o seu modo fundamental de ser, como povo a caminho, peregrinante, à espera da plena consumação da Vida. Não se pode dizer, por isso, que o tema da *migração* e o esforço cooperativo pela efetivação de condições dignas para todos os que se encontram em terras estrangeiras seja considerado marginal – quer do ponto de vista da teologia cristã ou de sua práxis pastoral. Não se pode, ao mesmo tempo, negar a centralidade desse problema no mundo atual, sobretudo quando a indiferença e a crise dos valores humanistas parecem alcançar cada vez mais espaço.

Vivemos numa época em que reaparecem *novos nacionalismos*, na contracorrente do movimento de globalização experienciado nas últimas décadas. Em muitos países, novas fronteiras, internas e externas, se levantam. E, no processo de cerceamento de direitos, outra vez aqueles que migram em busca de melhores condições de vida são os mais fragilizados. Outra vez a antiga imagem bíblica vem à tona para reivindicar os nossos melhores esforços.





Um problema que, desde o primeiro instante, chamou a atenção do **Papa Francisco**, ora de feliz memória. E não poderia ser diferente para um pontífice que era, ele mesmo, fruto da experiência da migração. Uma experiência que marcou profundamente a sua vida e a sua forma de ler a realidade, como recentemente revelado em sua autobiografia *Esperança*. Ali, entre os motivos para que as pessoas se arriscassem para além de sua terra natal, Francisco destacou: “Por causa da pobreza, sobretudo, às vezes por raiva, para mudar a própria sorte, para fugir da tragédia de uma guerra mundial, para escapar das cartas de recrutamento ou, depois de olhar a morte nos olhos, para reunir uma família, para não sofrer mais tanta privação, para procurar melhores condições de vida. Não é uma história nova, é de ontem e é de hoje”².

Nas mesmas páginas autobiográficas, localiza-se um testemunho que, pela pertinência com relação ao assunto que aqui procuramos explorar, merece ser destacado. Um trecho que se refere a um dos primeiros grandes gestos realizados pelo Papa Francisco no início do seu pontificado. A primeira *errância*, o primeiro movimento para fora dos muros do Vaticano. E foi ele mesmo quem o descreveu:

Também por isso, anos mais tarde, em minha primeira viagem como pontífice para fora do Vaticano, senti que devia ir a Lampedusa, a minúscula ilha do Mediterrâneo que se tornou posto avançado de esperança e solidariedade, mas também símbolo das contradições e da tragédia das migrações, cemitério marinho de excessivas, excessivas mortes. Poucas semanas antes eu ficaria sabendo da notícia de mais um naufrágio, e então meu pensamento voltava a isso continuamente, como um espinho no coração. Não era uma viagem programada, mas devia fazê-la. Também nasci numa família de migrantes; meu pai, meu avô, minha avó, como tantos outros italianos, partiram para a Argentina e conheceram o destino de quem fica sem nada. Eu também poderia estar entre os descartados de hoje, tanto que sempre trago uma pergunta no coração: por que eles e não eu?

Devia ir a Lampedusa para rezar, para fazer um gesto de proximidade, para expressar minha gratidão e meu incentivo aos voluntários e à população daquela pequena realidade que sabia oferecer exemplos concretos de

² BERGOGLIO, Jorge Mario. *Esperança: a autobiografia*. Escrito com Carlo Musso. Tradução de Federico Carotti, Iara Machado Pinheiro e Karina Jannini. São Paulo: Fontanar, 2025. p. 19.





solidariedade. E principalmente para redespertar nossas consciências e fazer um chamado a nossas responsabilidades³.

À luz desse sensível testemunho do Papa que marcou o século XXI com suas palavras, mas, sobretudo com seus gestos, queremos nesta Análise de Conjuntura tomar o tema das migrações, numa leitura externa e interna ao Brasil, como epicentro para a discussão do enfraquecimento dos valores humanistas e do crescente indiferentismo reinante nas várias esferas da vida social. É que o tema é importante demais para ser esquecido. E não poderia sê-lo, já que também o **Papa Leão XIV**, recém-eleito, tem sangue migrante; é resultado de misturas culturais intensas, desde seus antepassados, mãe e pai, às suas experiências pessoais⁴, como confessou no Discurso aos Membros do Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé, em 16 de maio passado:

A minha própria história é a de um cidadão, descendente de imigrantes, e também emigrado. Cada um de nós, ao longo da vida, pode encontrar-se saudável ou doente, empregado ou desempregado, na sua terra natal ou numa terra estrangeira: a nossa dignidade, no entanto, permanece sempre a mesma, a de uma criatura querida e amada por Deus⁵.

Algo que ressoa das suas primeiras palavras, junto ao balcão de São Pedro, naquele 8 de maio, quando se apresentava ao Povo de Deus reunido e recordava

³ BERGOGLIO, Jorge Mario. Esperança: a autobiografia. Escrito com Carlo Musso. Tradução de Federico Carotti, Iara Machado Pinheiro e Karina Jannini. São Paulo: Fontanar, 2025. p. 24-25.

⁴ Robert Francis Prevost, agora Papa Leão XIV, nasceu em Chicago, nos Estados Unidos, em 1955, filho de uma família de origem francesa e possivelmente hispânica, reflexo da diversidade cultural norte-americana. Ingressou na Ordem de Santo Agostinho e, após sua formação, foi missionário no Peru durante quase vinte anos, onde atuou com comunidades pobres e indígenas na região de Chulucanas. Ali, aprendeu o valor do cuidado próximo, da escuta e do compromisso com os mais vulneráveis – especialmente os migrantes internos e os povos em situação de deslocamento forçado. Sua experiência pastoral em solo latino-americano moldou uma sensibilidade profunda às questões sociais, que agora se expressa com força no início de seu pontificado.

⁵ Discurso do Papa Leão XIV aos Membros do Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/may/documents/20250516-corpo-diplomatico.html> Acesso em: 16 jun. 2025.





a importância de se “construir pontes, com o diálogo, com o encontro”, num mundo em que deve reinar o amor⁶; e lembrou seus antigos diocesanos do interior do Peru, em Chiclayo, onde aprendeu a ser pastor com o cheiro das ovelhas. Estamos certos, portanto, de que o tema permanece aceso e que continuaremos a mesma luta.

2. O CENÁRIO INTERNACIONAL

Como de costume, começamos pelo cenário internacional, para, em seguida, lançarmos luzes sobre a conjuntura nacional a respeito do problema que transversalmente ilumina esta análise, a saber: o problema da imigração. É verdade que, no momento presente da conjuntura internacional, contextos de crise a partir de guerras regionais ou potencialmente globais são os que mais frontalmente ameaçam os direitos humanos. Um panorama geral sobre os principais focos de tensão, nesse sentido, pode contribuir em nossa leitura do fenômeno em destaque.

2.1 Estados Unidos sob o Governo Trump: Políticas de Imigração, Conflitos Sociais e Manifestações

O segundo mandato de Donald Trump tem sido marcado por uma escalada nas políticas restritivas de imigração e por uma atmosfera política profundamente polarizada. Desde a sua posse, Trump, intensificou o discurso contra imigrantes irregulares e recrudescceu o uso de medidas anti-imigração, com a detenção e a deportação em massa de imigrantes.

⁶ As primeiras palavras do Papa Leão XIV a Roma e ao mundo. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-05/papa-leao-xiv-primeiras-palavras-basilica-sao-pedro-paz.html> Acesso em: 08 maio 2025.





Essas medidas resultaram em forte turbulência social e política, com a explosão de uma onda de protestos em mais de 20 cidades, dentre as quais Los Angeles, Nova York, Chicago, Atlanta e St. Louis, com a participação de movimentos de direitos civis, ativistas pró-imigração e representantes de minorias raciais⁷. Os protestos tiveram como estopim, tanto episódios de violência policial contra imigrantes, quanto declarações polêmicas do próprio presidente sobre a necessidade de “restaurar a ordem a qualquer custo”.

Em Los Angeles, chegou a ser determinado toque de recolher e mobilizada a Guarda Nacional e tropas federais – totalizando cerca de 5.000 militares em Texas e Califórnia – em resposta a ações contra imigrantes irregulares, que resultaram em mais de 385 detenções⁸. O presidente Trump reafirmou intenção de usar o **Ato de Insurreição (“Insurrection Act”)** e mobilizar tropas federais e, até mesmo, marines para conter o que descreveu como “invasão” de migrantes⁹.

Essas manifestações revelam a intensificação das divisões sociais nos EUA, principalmente entre grandes centros urbanos, majoritariamente democratas, e regiões do interior, mais conservadoras. O cenário econômico dos EUA, embora mostre crescimento modesto do PIB, é marcado por aumento da pobreza e do desemprego entre minorias e migrantes, especialmente após o endurecimento dessas políticas de deportação. Há, inclusive, dificuldades para preencher vagas em empresas agrícolas e do setor de serviços, gerando críticas mesmo entre empresários tradicionalmente alinhados ao Partido Republicano.

⁷ Protestos contra operações anti-imigração de Trump se espalham pelos EUA. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2025/06/11/los-angeles-impoe-toque-de-recolher-e-protestos-se-espalham-para-outras-cidades.htm> Acesso em: 22 jun. 2025.

⁸ Donald Trump se reafirma sobre deportar migrantes tras protestas en Los Ángeles: “Estos disturbios fortalecen nuestra determinación”. Disponível em: <https://as.com/us/actualidad/donald-trump-se-reafirma-sobre-deportar-migrantes-tras-protestas-en-los-angeles-estos-disturbios-fortalecen-nuestra-determinacion-n/> Acesso em: 22 jun. 2025.

⁹ Donald Trump se reafirma sobre deportar migrantes tras protestas en Los Ángeles: “Estos disturbios fortalecen nuestra determinación”. Disponível em: <https://as.com/us/actualidad/donald-trump-se-reafirma-sobre-deportar-migrantes-tras-protestas-en-los-angeles-estos-disturbios-fortalecen-nuestra-determinacion-n/> Acesso em: 22 jun. 2025.





Por sua vez, Trump busca consolidar capital político reforçando sua imagem de “líder autoritário”, focado na retórica de lei, ordem e controle de fronteiras. Com essa postura visa consolidar apoio entre eleitores mais conservadores, mesmo arriscando confrontos com prefeitos, governadores e juízes estaduais¹⁰.

2.2 Ataques de Israel e o genocídio do povo palestino

Os últimos meses marcaram uma escalada dramática no conflito na Faixa de Gaza. Desde o início do ano, Israel realizou ataques aéreos contínuos e maciços contra Gaza, como parte de sua estratégia declarada para combater militantes do Hamas. Essas ofensivas resultaram em dezenas de milhares de vítimas civis, destruição generalizada da infraestrutura básica e agravamento extremo da crise humanitária na região. Até junho de 2025, mais de 54 mil palestinos foram mortos¹¹, entre eles, mulheres, crianças e idosos, segundo relatórios internacionais.

Entre os episódios mais graves de 2025 está o ataque a um centro de distribuição de alimentos na região de Netzarim, ocorrido em junho, onde pelo menos 57 civis foram mortos por disparos israelenses. A ofensiva gerou forte condenação internacional, aumentando acusações de crimes de guerra e genocídio¹².

Uma comissão independente da Organização das Nações Unidas (ONU) investigou os ataques e concluiu que **Israel cometeu atos equivalentes ao crime de**

¹⁰ Protestos se espalham nos EUA e dão oportunidade para Trump demonstrar força. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/protestos-se-espalham-nos-eua-e-dao-oportunidade-para-trump-demonstrar-forca/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

¹¹ Más de medio centenar de palestinos mueren en la Franja de Gaza por ataques israelíes. Disponível em: <https://cadenaser.com/nacional/2025/06/07/mas-de-medio-centenar-de-palestinos-mueren-en-la-franja-de-gaza-por-ataques-israelies-cadena-ser/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

¹² Los disparos del ejército israelí matan a 57 personas en un reparto de comida en Gaza. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2025-06-11/los-disparos-del-ejercito-israeli-matan-a-57-personas-en-un-reparto-de-comida-en-gaza.html>. Acesso em: 22 jun. 2025.





“**extermínio**”¹³, qualificando-os explicitamente como crimes contra a humanidade. Organizações brasileiras e internacionais denunciaram repetidamente que a estratégia israelense de bloqueio e bombardeio sistemático representa um genocídio deliberado, agravado pela restrição intencional de alimentos, medicamentos e suprimentos básicos à população palestina.

O contexto humanitário é descrito pela imprensa internacional como desesperador. Relatórios indicam que jornalistas¹⁴ e trabalhadores humanitários atuantes na região foram vítimas de violência militar israelense, o que amplia ainda mais a preocupação global com a situação de Gaza.

A expressão “genocídio em tempo real”¹⁵ tem sido usada frequentemente por pesquisadores e analistas brasileiros e internacionais para descrever o cenário atual. A continuidade da ofensiva israelense, combinada ao bloqueio completo e à atuação insuficiente da comunidade internacional em termos concretos, resultou em uma das maiores tragédias humanitárias contemporâneas.

Diante disso, milhares de pessoas ao redor do mundo realizaram protestos e marchas, pedindo intervenção urgente para interromper o ciclo de violência e garantir proteção aos palestinos.

Em junho deste ano, uma ação pacifista internacional foi organizada para desafiar o bloqueio imposto por Israel. Um grupo de navios liderado pelo barco *Madleen*, a **Flotilha da Liberdade**¹⁶, tentou romper o cerco marítimo com o objetivo

¹³ Una comisión de la ONU acusa a Israel del crimen de “exterminio” en Gaza. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2025-06-10/una-comision-de-la-onu-acusa-a-israel-del-crimen-de-exterminio-en-gaza.html>. Acesso em: 22 jun. 2025.

¹⁴ Horror em números: genocídio de Israel na Faixa de Gaza completa um ano. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/10/07/horror-em-numeros-genocidio-de-israel-na-faixa-de-gaza-completa-um-ano/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

¹⁵ Pesquisadores acusam Israel de “genocídio em tempo real” na Palestina. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-05/pesquisadores-acusam-israel-de-genocidio-em-tempo-real-na-palestina>. Acesso em: 22 jun. 2025.

¹⁶ Barco com ativistas está a 48 horas de Gaza com ajuda humanitária. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-06/barco-com-ativistas-esta-48-horas-de-gaza-com-ajuda-humanitaria>. Acesso em: 22 jun. 2025.





explícito de entregar suprimentos essenciais como medicamentos, alimentos, fórmulas infantis e próteses médicas para a população sitiada.

Entre os participantes da flotilha estavam figuras reconhecidas internacionalmente pela defesa dos direitos humanos e ambientais, como a ativista Greta Thunberg, a eurodeputada Rima Hassan e o brasileiro Thiago Ávila. No entanto, em 8 de junho, os navios foram interceptados pela marinha israelense em águas internacionais e conduzidos à força ao porto de Ashdod. Os ativistas foram detidos e impedidos de comunicar-se por dias, gerando imediata reação diplomática internacional¹⁷.

Paralelamente, outra manifestação significativa está em curso: a **Marcha Global para Gaza**¹⁸, reunindo milhares de ativistas pacifistas de mais de cinquenta países, incluindo uma delegação brasileira. A marcha iniciou-se na cidade do Cairo, no Egito, seguindo em direção à fronteira com Gaza, em Rafah. Seu objetivo declarado é romper simbolicamente o cerco terrestre e pressionar pela abertura imediata dos corredores humanitários.

A caminhada acontece sob condições extremamente adversas, enfrentando temperaturas elevadas no deserto do Sinai, dificuldades logísticas e forte repressão por parte das autoridades egípcias, que, pressionadas por Israel, chegaram a deter e deportar centenas de participantes já nas etapas iniciais da mobilização¹⁹.

¹⁷ Israel começa a deportar ativistas da Flotilha da Liberdade detidos em águas internacionais; Greta Thunberg deixou o país. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/06/10/israel-comeca-a-deportar-ativistas-da-flotilha-da-liberdade-detidos-em-aguas-internacionais-greta-thunberg-deixou-o-pais/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

¹⁸ Milhares de ativistas marcham a Gaza para romper bloqueio de Israel. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-06/milhares-de-ativistas-marcham-gaza-para-romper-bloqueio-de-israel>. Acesso em: 22 jun. 2025.

¹⁹ Israel pede que Egito detenha marcha a Gaza e 200 são deportados. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-06/israel-pede-que-egito-detenha-marcha-gaza-e-200-sao-deportados>. Acesso em: 22 jun. 2025.





Ainda não é possível precisar a eficácia dessas iniciativas frente aos obstáculos impostos pela complexa dinâmica diplomática e militar da região. De qualquer forma, esses movimentos têm desempenhado papel essencial ao expor publicamente a gravidade da situação humanitária e impulsionar debates urgentes sobre a necessidade de intervenção internacional concreta para impedir o avanço do genocídio contra o povo palestino.

2.3 Guerra na Ucrânia: panorama e perspectivas de acordo

Apesar da intensificação dos combates, nos primeiros meses de 2025 houve avanços discretos nas negociações entre Rússia e Ucrânia. Em maio, ocorreu em Istambul o primeiro encontro direto entre representantes dos dois países desde 2022, com intermediação da Turquia. Embora a reunião tenha durado cerca de 90 minutos e não tenha resultado em qualquer acordo de cessar-fogo, ela foi considerada um passo importante para a retomada do diálogo entre as partes²⁰.

A única conquista efetiva desse processo foi uma ampla troca humanitária de prisioneiros, realizada no início de junho²¹, incluindo soldados feridos ou doentes. Além disso, está sendo negociada a devolução dos corpos de milhares de combatentes ucranianos mortos às famílias, o que foi anunciado oficialmente pela Turquia. Apesar desse avanço humanitário, não houve definição de trégua. Tanto a Ucrânia quanto a Rússia vêm rejeitando mutuamente as propostas cessar-fogo apresentadas, o que tem resultado apenas em tréguas parciais de alguns dias em frentes específicas do conflito. Assim, o quadro geral permanece de combates

²⁰ Reunião para negociações diretas entre Ucrânia e Rússia na Turquia termina sem acordo de cessar-fogo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2025/05/16/reuniao-para-negociacoes-diretas-entre-ucrania-e-russia-na-turquia-termina-sem-acordo-de-cessar-fogo.htm>. Acesso em: 22 jun. 2025.

²¹ Rússia e Ucrânia iniciam segunda grande troca de prisioneiros; troca de corpos segue no impasse. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/06/09/russia-e-ucrania-iniciam-segunda-grande-troca-de-prisioneiros-troca-de-corpos-segue-no-impasse/>. Acesso em: 22 jun. 2025.





intensos, com ataques diários envolvendo drones, artilharia pesada e bombardeios sobre cidades e áreas rurais.

No mês de junho o quadro se agravou e a guerra entre Rússia e Ucrânia atingiu um novo patamar de tensão, com os ataques realizados por forças ucranianas a aviões que integram o arsenal de bombardeiros estratégicos nucleares russos, estacionados em bases militares no interior do país²².

A ofensiva representou não só um feito militar inédito – demonstrando a capacidade ucraniana de realizar ataques de precisão a mais de 600 km de distância da fronteira –, mas também abriu debate internacional sobre as implicações legais dessas ações.

Tradicionalmente, bombardeiros estratégicos baseados fora das zonas de conflito são considerados ativos sensíveis em tratados internacionais como o **Tratado de Redução de Armas Estratégicas (Novo START)**²³, firmado entre Rússia e Estados Unidos ainda na era pós-Guerra Fria. Embora a Ucrânia não seja parte do tratado, a ação reacendeu preocupações quanto à segurança das armas nucleares e sobre a estabilidade das normas internacionais que proíbem ataques preventivos a instalações nucleares ou estratégicas em solo de grandes potências.

Autoridades russas denunciaram imediatamente o ataque como uma grave violação das normas de guerra, comparando-o a um “terrorismo de Estado”²⁴ e prometeram retaliação. O Ministério da Defesa russo afirmou que tais ataques expandem perigosamente a zona do conflito e ameaçou a Ucrânia, afirmando

²² Ucrânia atingiu menos aviões russos do que o divulgado, dizem autoridades. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ucrania-atingiu-menos-avioes-russos-do-que-o-divulgado-dizem-autoridades/> Acesso em: 22 jun. 2025.

²³ The Clock Is Ticking on New START Expiration—and a Nuclear Arms Race. Disponível em: https://blog-ucs-org.translate.goog/tara-drozdenko/the-clock-is-ticking-on-new-start-expiration-and-a-nuclear-arms-race/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc Acesso em: 22 jun. 2025.

²⁴ Russia says it will respond to Ukraine attacks, Trump downplays immediate peace prospects. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/russia-says-it-will-respond-ukrainian-attacks-when-it-sees-fit-2025-06-05/> Acesso em: 22 jun. 2025.





que “todas as opções estão na mesa”²⁵, quando questionado qual seria a resposta russa. A retaliação veio rapidamente, com bombardeios de mísseis de cruzeiro e drones contra Kiev e outras cidades ucranianas, causando destruição significativa à infraestrutura elétrica e deixando mortos e feridos entre a população civil²⁶.

A escalada amplia os riscos de um confronto mais amplo, incluindo possíveis ameaças ao regime global de não proliferação nuclear, caso as hostilidades atinjam arsenais ainda mais sensíveis. O episódio reforça a volatilidade da guerra e as dificuldades para um avanço real em negociações de paz.

2.4 O conflito entre Israel e o Irã

Na madrugada de 13 de junho, Israel realizou um ataque aéreo de grandes proporções contra o território iraniano, num movimento que marcou uma das ações militares mais arriscadas e agressivas da história recente do Oriente Médio. Nomeada pela imprensa israelense como “Operação Rising Lion”²⁷, a ofensiva envolveu mais de 200 aeronaves e cerca de 330 mísseis direcionados a mais de cem alvos estratégicos em solo iraniano, incluindo instalações nucleares como Natanz e Fordow, bases da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) e residências de altos comandantes militares.

A resposta iraniana veio poucas horas depois. Teerã lançou uma onda de retaliação envolvendo aproximadamente cem mísseis balísticos e drones armados, atingindo áreas urbanas e bases militares em Israel, especialmente nas regiões de

²⁵ Rússia urges US and UK to restrain Ukraine after attacks on bombers. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russia-urges-us-uk-restrain-ukraine-after-attacks-bombers-2025-06-04/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

²⁶ Rússia mantém retaliação contra Ucrânia com grande ataque aéreo. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/06/09/russia-mantem-retaliacao-contru-ucrania-com-grande-ataque-aereo/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

²⁷ Israel takes name of Iran operation from Bible verse. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/israel-takes-name-iran-operation-bible-verse-2025-06-13/>. Acesso em: 22 jun. 2025.





Tel Aviv, Ramat Gan e Beersheba. O sistema israelense de defesa antimísseis, conhecido como “Domo de Ferro”, foi acionado e interceptou grande parte dos projéteis, mas dezenas de pessoas ficaram feridas e houve danos consideráveis à infraestrutura urbana.

A comunidade internacional reagiu com preocupação. Os Estados Unidos, embora tenham negado envolvimento direto na ofensiva israelense, autorizaram o envio adicional de baterias de defesa aérea para apoiar Tel Aviv, enquanto convocavam reuniões emergenciais no Conselho de Segurança da ONU²⁸. A escalada provocou a suspensão das negociações nucleares entre Washington e Teerã e aumento nos preços internacionais do petróleo, em virtude do temor de bloqueio no Estreito de Ormuz, por onde transita cerca de um terço do petróleo mundial transportado por mar.

Especialistas em segurança internacional alertam para o risco de o conflito se expandir rapidamente para outras frentes²⁹. Apesar dos apelos por contenção vindos das Nações Unidas e de várias potências, a possível intensificação do conflito pode levar a cenários em que a segurança global pode ser colocada em sério risco. A crise escalou muito com o envolvimento direto dos Estados Unidos (no dia 21 de junho), quando aviões dos Estados Unidos bombardearam três instalações nucleares do Irã, em especial a planta de Fordow, uma das estruturas subterrâneas afetadas, com a capacidade para operar 3 mil centrífugas para enriquecimento de urânio, segundo estimativas da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), o programa da Organização das Nações Unidas (ONU) para assuntos nucleares. O Irã pode, em retaliação, atacar alvos dos EUA no Oriente Médio, como bases militares, consulados ou embaixadas. Há aumento no

²⁸ The Guardian view on Israel's shock attack on Iran: confusing US signals add to the peril. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/jun/13/the-guardian-view-on-israel-shock-attack-on-iran-confusing-us-signals-add-to-the-peril> Acesso em: 22 jun. 2025.

²⁹ Ataques entre Irã e Israel: quais os piores cenários possíveis para o conflito. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5ye183ww1zo> Acesso em: 22 jun. 2025.





risco de um confronto direto e de proporções enormes para todo o mundo, não se tratando apenas de um conflito regional.

Outro risco apontado é o envolvimento dos países do Golfo Pérsico. Caso o Irã não consiga atacar Israel de forma eficaz, poderia mirar alvos em países do Golfo, especialmente aqueles que abrigam bases americanas ou tenham colaborado com a defesa de Israel, o que ampliaria o conflito regional e exigiria resposta militar americana. Por outro lado, existe a possibilidade de Israel não conseguir destruir totalmente a capacidade nuclear iraniana. Se o Irã se convencer de que está sob grave ameaça, poderia utilizar parte do seu arsenal no conflito, provocando uma escalada sem precedentes.

As consequências econômicas já se fazem notar, com grande possibilidade de agravamento, como a elevação do preço do petróleo, por conta da possibilidade de fechamento do Estreito de Ormuz ou pela intensificação dos ataques de aliados iranianos como os Houthis, gerando uma crise inflacionária global.

Por sua vez, o colapso do regime iraniano, em caso de uma vitória de Israel, poderia gerar um vácuo de poder e desestabilização interna, semelhante ao que ocorreu no Iraque e na Líbia. O futuro do conflito, portanto, depende das próximas decisões de Irã, Israel e do grau de contenção a ser exercido pelos EUA e pelas demais potências (Rússia, China e Turquia, especialmente).

Cabe ressaltar o impacto simbólico do ataque em um momento delicado, em que se discutia a retomada do acordo nuclear com o Irã e o possível relaxamento de sanções. Diante do novo quadro, os riscos de uma escalada regional são reais, com potencial envolvimento de milícias, interrupção de fluxos comerciais estratégicos e crise diplomática entre potências. Se a chamada “linha vermelha” da dissuasão nuclear for efetivamente cruzada, o mundo pode se encontrar, mais uma vez, diante de um confronto de proporções imprevisíveis.





É em face desta conjuntura que o problema da migração em nível internacional tem se consolidado como um dos fenômenos mais complexos e desafiadores da atualidade, refletindo desequilíbrios econômicos, conflitos armados, crises ambientais e perseguições políticas em diferentes partes do mundo. Em um cenário global marcado por profundas desigualdades e instabilidades, milhões de pessoas se veem forçadas a deixar seus países de origem em busca de segurança, melhores condições de vida ou oportunidades de trabalho. Essa dinâmica migratória, ao mesmo tempo que revela a resiliência humana, também expõe fragilidades nas políticas internacionais de acolhimento e integração, além de suscitar debates acalorados sobre soberania, direitos humanos e cooperação entre nações.

2.5 Dinâmicas globais e desafios da contemporaneidade

Em geral, as migrações estão associadas a crises humanitárias e são temas centrais no cenário global contemporâneo. Fatores como conflitos armados, mudanças climáticas, desigualdades econômicas (miséria e exclusão social e instabilidade política) são as principais causas dos processos migratórios. Esses fenômenos geram desafios complexos para os países, as instituições internacionais e, principalmente, para as populações deslocadas.

Apresentamos, a seguir, como esses fatores incidem em processos migratórios:

1. **Conflitos Armados e perseguições políticas:** guerras (como na Síria, Ucrânia, Sudão, Afeganistão, Gaza e Irã) e regimes autoritários forçam milhões a fugir





de seus países. Segundo o ACNUR (2023), há mais de 110 milhões de deslocados no mundo – número recorde³⁰.

2. **Fatores econômicos e desigualdade:** a falta de oportunidades em países muito pobres leva a migrações para nações consideradas desenvolvidas, muitas vezes em rotas perigosas, como por exemplo, as travessias do Mediterrâneo ou da fronteira entre os EUA e o México.
3. **Mudanças Climáticas:** secas, enchentes, furacões e catástrofes climáticas aumentam os “refugiados climáticos”. Até 2050, estima-se que 250 milhões de pessoas possam migrar por esse motivo (ONU)³¹.
4. **Globalização e mobilidade:** redes de tráfico humano e informações maliciosas, como por exemplo, promessa de vida confortável para mulheres que são capturadas por redes de tráfico sexual, via internet facilitam (e exploram) os fluxos migratórios.

Os fluxos migratórios contemporâneos são marcados por transformações profundas no sistema internacional, influenciadas pela **globalização**, pela chamada “**policrise**” (sobreposição de crises múltiplas) e pela **fragmentação de valores globais**. Esses fatores redefiniram as dinâmicas migratórias, criando novos padrões, desafios e respostas políticas.

A **globalização** acelerou a mobilidade humana, mas de forma assimétrica: redes de transporte, comunicação e finanças permitiram migrações mais rápidas. Enquanto elites globais, ou seja, trabalhadores considerados altamente qualificados e investidores financeiros circulam livremente, migrantes pobres

³⁰ Total de refugiados no mundo é recorde e supera 110 milhões de pessoas. Veja em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-06/total-de-deslocados-no-mundo-e-recorde-e-supera-110-milhoes-pessoas> Acesso em: 07 maio 2025.

³¹ ONU: 200 milhões de pessoas podem migrar até 2050 por conta de mudanças climáticas. Leia em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/onu-200-milhoes-de-pessoas-podem-migrar-ate-2050-por-conta-de-mudancas-climaticas/2010628> Acesso em: 07 maio 2025.





enfrentam inúmeras barreiras e processos de criminalização. Dentro de um modelo de globalização seletiva, migrantes pobres sustentam setores essenciais em países ricos, muitas vezes em condições precárias, como por exemplo, os trabalhadores latinos nos EUA ou sul-asiáticos no Golfo.

Ademais, a globalização não homogenizou direitos migratórios; ao contrário, criou um sistema de “**migração segmentada**”, onde alguns têm mobilidade privilegiada e outros, apenas rotas perigosas.

Alguns analistas associam o aumento das migrações à chamada “policrise”³², termo cunhado por Adam Tooze que descreve a convergência de crises interligadas: a) **conflitos armados**: Síria, Ucrânia, Sudão e Sahel geram deslocamentos em massa; b) **crise climática**: secas no Chifre da África e enchentes no Paquistão forçam migrações; c) **instabilidade econômica**: Inflação e desemprego pós-pandemia aumentam a migração por necessidade **pandemias**, como a COVID-19, que restringiu temporariamente a mobilidade, mas aprofundou desigualdades. A migração deixou de ser um fenômeno isolado e tornou-se um **sintoma de colapso sistêmico**, onde crises se alimentam mutuamente.

Muitos dos consensos do pós-Guerra Fria sobre direitos humanos e cooperação migratória estão em xeque, com o **declínio do liberalismo internacional**, como os EUA e UE adotando políticas anti-imigração, o **auge do nacionalismo**, com governos como o da Hungria (Orbán), da Itália (Meloni) e da Argentina (Milei) instrumentalizando o medo do migrante e **falhas das instituições**, como o Pacto Global para Migrações (ONU, 2018) que é ignorado por muitos países, e o ACNUR, que opera com recursos insuficientes.

³² É por isso que a “policrise” é uma forma útil de olhar para o mundo neste momento. Leia em: <https://www.weforum.org/stories/2023/03/polycrisis-adam-tooze-historian-explains/> Acesso em: 07 maio 2025.





Além disso, o sistema internacional de direitos humanos e proteção a migrantes e refugiados está **menos capaz de responder coletivamente** a crises migratórias, com cada país priorizando soluções unilaterais (muitas vezes violentas).

Associado ao fenômeno das migrações observa-se, em nosso tempo, o **aumento dos discursos e práticas de xenofobia** impulsionados por grupos e partidos de extrema-direita: partidos populistas na Europa (Itália, Hungria ou França)³³ e nas Américas (EUA e Argentina) têm usado a retórica anti-imigração para ganhar apoio, associando migrantes a ameaças culturais ou econômicas ou à criminalidade, como vem fazendo, de forma sistemática, o atual presidente estadunidense Donald Trump³⁴.

Na **Europa**, partidos como **AfD (Alemanha)**, **Frente Nacional (França)** e **Lega (Itália)** constroem plataformas eleitorais anti-imigração³⁵. Nas **Américas**, a retórica de **Trump (“invasão hispânica”)** e **Milei (“fechar as fronteiras”)** normalizam a estigmatização e na **Ásia** observa-se a perseguição aos **rohingyas** em Mianmar e políticas antimuçulmanas na Índia³⁶.

Mas, há que se reconhecer que processos migratórios pressionam serviços públicos de saúde, educação e moradia nos países que recebem grande fluxos migratórios, que enfrentam demandas crescentes e tais situações alimentam conflitos internos.

Há que se registrar, ainda, as **legislações restritivas**, em países para deportar requerentes de asilo. Observa-se, ainda, a fragilidade do sistema de asilo internacional, considerando que a Convenção de Refugiados, de 1951, não

³³ Ativismo anti-imigração e extrema-direita na Europa: entrevista com Kristian Berg Harpvike. Veja em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/FWbPHK3VZZy8nFLH3PJbtQP/?lang=pt> Acesso em: 07 maio 2025.

³⁴ Trump acusa migrantes de levarem 'genes ruins' aos Estados Unidos. Leia mais em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/trump-acusa-migrantes-de-levarem-genes-ruins-aos-estados-unidos/> Acesso em: 07 maio 2025.

³⁵ O que é o nativismo, que está no cerne das propostas de Trump e da direita radical na Europa. Veja em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4gl4d8g4a2o> Acesso em: 07 maio 2025.

³⁶ Quem são os rohingyas, povo muçulmano que a ONU diz ser alvo de limpeza étnica. Leia em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41257869> Acesso em: 07 maio 2025.





abrange migrantes climáticos, por exemplo. O ACNUR e a OIM (Agência da ONU para as migrações) operam com orçamentos insuficientes. E países ricos não têm cumprido cotas de reassentamento. O **Pacto Global para Migrações da ONU** (2018) é ignorado por nações como EUA e Hungria.

Além dos desafios para os países, há que considerar que as principais vítimas desses processos são os migrantes. São várias as vulnerabilidades que provocam fluxos migratórios: trabalho escravo, separação familiar e mortes em rotas migratórias. Um exemplo chocante, mais de 50 mil óbitos foram registrados desde 2014, segundo a OIM em rotas migratórias³⁷. Barreiras linguísticas e discriminação dificultam acesso de migrantes a empregos dignos, mesmo em países um pouco mais receptivos, como Alemanha ou Canadá.

2.5.1 Migrações e a legitimação da indiferença

A crise humanitária global das migrações tem sido acompanhada por um **crescente movimento de indiferença por parte de Estados e sociedades**, expresso em políticas de exclusão, violência sistêmica contra migrantes e o avanço de discursos racistas, xenófobos e intolerantes. Esse fenômeno não é apenas um reflexo de crises econômicas ou políticas, mas também uma **ruptura ética no sistema internacional**, onde a desumanização do “outro” se normaliza.

A indiferença como uma política de Estado tem gerado uma violência generalizada e institucionalizada contra migrantes. Há denúncias de que a UE financia campos de detenção na Líbia, onde migrantes sofrem várias violações de

³⁷ OIM lamenta as 50 mil mortes documentadas em rotas migratórias em todo o mundo. Leia em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/oim-lamenta-50-mil-mortes-documentadas-em-rotas-migratorias-em-todo-o-mundo> Acesso em: 07 maio 2025.





direitos humanos³⁸. Os EUA implementam políticas como “**Remain in Mexico**” e **Title 42**, negando direito a asilo³⁹. A Grécia realiza **pushbacks** ilegais no Mar Egeu, afogando migrantes⁴⁰. E o Reino Unido aprovou lei para deportar requerentes de asilo para Ruanda⁴¹.

É preciso registrar, ainda, que ativistas humanitários têm sido processados por ajudar migrantes na Itália e na França⁴² e ONGs de resgate no Mediterrâneo enfrentam obstáculos legais⁴³.

Em muitas ocasiões, a etnia é utilizada para a criminalização de migrantes: **muçulmanos** são associados ao “terrorismo” na Europa e **latinos** são estereotipados como “criminosos” nos EUA, por exemplo.

Por fim, o tema da **intolerância religiosa** deve ser analisado nos processos migratórios. A **islamofobia e a perseguição de migrantes muçulmanos, como a proibição do véu islâmico (França, Suíça)**, a queima de Corão em protestos (**Suécia, Dinamarca**) e políticas de “**assimilação forçada**” na Europa⁴⁴. Há registros

³⁸ Cooperação entre UE e Líbia resulta em violações aos direitos de migrantes. Veja em <https://reporterbrasil.org.br/2021/12/cooperacao-entre-ue-e-libia-resulta-em-violacoes-aos-direitos-de-migrantes/>. Acesso em: 07 maio 2025.

³⁹ Trump diz que irá reprimir imigração em discurso antes de posse. Leia em: <https://www.poder360.com.br/poder-internacional/trump-promete-reprimir-imigracao-em-discurso-antes-de-posse/>. Acesso em: 07 maio 2025.

⁴⁰ Pela primeira vez, Grécia é condenada por ações de “pushback” contra imigrantes. Leia em: <https://migramundo.com/pela-primeira-vez-grecia-e-condenada-por-acoes-de-pushback-contr-imigrantes/>. Acesso em: 07 maio 2025.

⁴¹ Parlamento do Reino Unido aprova lei polêmica sobre deportação de imigrantes para Ruanda. Veja em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/parlamento-do-reino-unido-aprova-lei-polemica-sobre-deportacao-de-imigrantes-para-ruanda/>. Acesso em: 07 maio 2025.

⁴² Migrantes na fronteira entre Itália e França enfrentam violência e expulsões. Leia em: <https://www.msf.org.br/noticias/migrantes-na-fronteira-entre-italia-e-franca-enfrentam-violencia-e-expulsoes/>. Acesso em: 07 maio 2025.

⁴³ Mediterrâneo: governos europeus estão impedindo operações de busca e resgate. Leia em: <https://www.msf.org.br/noticias/mediterraneo-governos-europeus-estao-impedindo-operacoes-de-busca-e-resgate/>. Acesso em: 07 maio 2025.

⁴⁴ Noruega pede desculpas pela assimilação forçada de Sami e outras minorias. Veja em: <https://www.nytimes.com/2024/11/14/world/europe/norway-sami-kvens-forest-finns-apology.html>. Acesso em: 07 maio 2025.





de perseguição a cristãos no **Oriente Médio** (por exemplo no Iraque e na Síria) e migração de **hinduístas e sikhs** perseguidos no Afeganistão pós-Talibã.

Assim, a violência contra migrantes não é um acidente, mas um **projeto político** que **beneficia governos autoritários** (distraindo de crises internas), **alimenta indústrias de segurança** (empresas de fronteira, prisões privadas) e **normaliza a exceção humanitária** (onde alguns corpos valem mais que outros). **Enquanto a indiferença virar política, a migração seguirá sendo uma sentença de morte para milhões.**

As migrações são inevitáveis em um mundo desigual, mas a resposta atual é marcada por nacionalismos e ineficiência institucional. Sem **cooperação global**, crises como a dos rohingya em Mianmar⁴⁵ ou dos venezuelanos na América Latina seguirão se repetindo, com custos humanos incalculáveis. A xenofobia, alimentada por discursos políticos extremistas só agrava o sofrimento de quem já foge da guerra, da fome ou de perseguições políticas, étnicas e até religiosas.

Sob o ponto de vista do concerto internacional é preciso a adaptação de leis internacionais para incluir refugiados climáticos nos tratados internacionais, o combate às causas estruturais das migrações, ou seja, investir em desenvolvimento nos países de origem e reduzir desigualdades globais e investir na educação contra Xenofobia, com campanhas midiáticas e políticas públicas para desconstruir estereótipos.

2.6 Migrações forçadas e fluxos deslocados

Numa acepção mais abrangente, “migração” diz respeito a qualquer tipo de deslocamento que realizamos durante a nossa vida. Na verdade, o ser humano é um migrante em potencial, pois estamos frequentemente nos movimentando em

⁴⁵ Entenda o conflito em torno dos rohingya em Myanmar. Veja em: <https://www.dw.com/pt-br/entenda-o-conflito-em-torno-dos-rohingya-em-myanmar/a-40517106> Acesso em: 07 maio 2025.





busca de melhores condições de vida, em busca de aventura, de alimentos, fugindo das guerras, de perseguições, das catástrofes climáticas, entre outros tantos motivos para realizarmos nossas andanças e mudanças.

Conceituamos pelo menos dois **tipos de migrações**, as **voluntárias** e as **forçadas**. As voluntárias são aquelas que derivam das escolhas livres de uma pessoa ou de um grupo de indivíduos. Já as forçadas são movidas por condições adversas, que impossibilitam a permanência de pessoas em seu local de origem. Muitas vezes na história do mundo e do Brasil, observamos famílias inteiras saírem dos locais onde nasceram fugindo das intempéries do tempo, em particular da seca extrema, ou em outras partes do mundo fugiram de tempestades, terremotos, em busca de sobrevivência. Mas também há os casos em que grupos inteiros fogem de guerras, de perseguições políticas, que colocam em risco a vida dos indivíduos. As migrações também podem ocorrer em diversas escalas e serem entre países, entre continentes, mas também entre regiões dentro de um mesmo país.

Em 1951 a Organização das Nações Unidas (ONU) criou sua **Agência para as Migrações (OIM)** como principal organismo internacional voltado para a migração. Conta com 175 estados-membros, 8 estados observadores e está em 170 países, dentre eles o Brasil, com sede em Brasília. De acordo com o site da Agência⁴⁶, sua principal missão consiste em apoiar migrantes pelo mundo para que tenham garantida sua liberdade de movimento mais segura, dando especial atenção aos grupos em maior vulnerabilidade. A OIM tem como objetivos: a) salvar vidas e proteger pessoas em movimento; b) impulsionar soluções para deslocamento; c) facilitar vias para a migração regular. Seus principais focos são: i) gestão das migrações; ii) resposta às crises; iii) cooperação e parcerias internacionais e gerir e visibilizar dados e informações.

⁴⁶ OIM - ONU Migração – Brasil. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/quem-somos> Acesso em: 05 maio 2025.





Também em 1951 a ONU criou o **Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)**, para lidar especificamente com refugiados e requerentes de asilo, oferecendo proteção e assistência⁴⁷. Em 1967 foi instituído o **Protocolo Adicional de 1967** pela ONU, que estendeu a proteção de refugiados a pessoas de todo o mundo.

Uma das críticas dirigidas a esses pactos de proteção promovidos pela ONU é que ela parte da visão europeia de migração, ou seja, tem como principal objetivo regulamentar as migrações em continente europeu. Para tanto, passou-se a se construir convenções regionais, com o objetivo de incentivar políticas públicas migratórias para cada continente levando-se em conta suas especificidades. Assim é que nasceu a **Convenção Africana sobre Refugiados** (Convenção de Kampala, outubro de 2009). Já em relação às migrações latino-americanas temos a **Declaração de Cartagena** (novembro de 1984).

Em 2016, os Chefes de Estado e de Governo se reuniram na Assembleia Geral da ONU para discutir questões relacionadas à migração e ao refúgio. A partir de então, deu-se início uma série de projetos e negociações que geraram o **Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular** em 2018, que tem como principal compromisso a defesa dos direitos humanos, salvar vidas e compartilhar responsabilidades em escala global em relação a refugiados e migrantes. Em seu *website*, pode-se ler:

O Pacto Global é o primeiro acordo negociado intergovernamentalmente, elaborado sob as indicações das Nações Unidas, abrangendo todas as dimensões da migração internacional de forma holística e abrangente. É um documento não vinculativo que respeita o direito soberano dos estados de determinar quem entra e permanece no seu território e demonstra o compromisso com a cooperação internacional em matéria de migração. Apresenta uma oportunidade significativa para melhorar a governança da migração, enfrentar os desafios associados à migração atual e fortalecer a contribuição dos migrantes e da migração para o desenvolvimento

⁴⁷ ACNUR – Agência da ONU para refugiados. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/sobre-o-acnur> Acesso em: 05 maio 2025.





sustentável. O Pacto Global é enquadrado de forma consistente com a meta 10.7 da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, na qual os Estados Membros se comprometem a cooperar internacionalmente para facilitar a migração segura, ordenada e regular⁴⁸.

O Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular tem 23 objetivos, a saber:

1. **Dados precisos:** Coletar e utilizar dados precisos e desagregados como base para políticas baseadas em evidências.
2. **Minimizar fatores adversos:** Minimizar os fatores adversos e os fatores estruturais que obrigam as pessoas a deixarem seus países de origem.
3. **Fornecer informações precisas:** Fornecer informações precisas e oportunas em todas as etapas da migração.
4. **Identidade legal e documentação:** Assegurar que todos os migrantes tenham prova de identidade legal e documentação adequada.
5. **Vias regulares:** Aumentar a disponibilidade e a flexibilidade das vias para a migração regular.
6. **Vias regulares:** Aumentar a disponibilidade e a flexibilidade das vias para a migração regular.
7. **Reduzir vulnerabilidades:** Abordar e reduzir as vulnerabilidades na migração.
8. **Salvar vidas:** Salvar vidas e estabelecer esforços internacionais coordenados para migrantes desaparecidos.
9. **Combater o contrabando de migrantes:** Reforçar a resposta transnacional ao contrabando de migrantes.
10. **Erradicar o tráfico de pessoas:** Prevenir, combater e erradicar o tráfico de pessoas no contexto internacional da migração.

⁴⁸ Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/pacto-global-para-uma-migracao-segura-ordenada-e-regular> Acesso em: 05 maio 2025.





11. **Gestão de fronteiras:** Gerenciar as fronteiras de forma integrada, segura e coordenada.
12. **Triagem e encaminhamento:** Reforçar a segurança jurídica e previsibilidade nos procedimentos de migração para triagem, processamento e encaminhamento apropriados.
13. **Alternativas à detenção:** Usar a detenção de migrantes apenas como uma medida de último recurso e trabalhar em busca de alternativas.
14. **Proteção consular:** Reforçar a proteção, assistência e cooperação consular em todo o ciclo de migração.
15. **Acesso a serviços básico:** Fornecer acesso a serviços básicos para migrantes.
16. **Inclusão e coesão social:** Empoderar os migrantes e as sociedades para a plena inclusão e coesão social
17. **Eliminar a discriminação:** Eliminar todas as formas de discriminação e promover uma narrativa pública baseada em evidências para formar percepções sobre a migração.
18. **Desenvolvimento e reconhecimento de competências:** Investir no desenvolvimento de competências e facilitar o reconhecimento mútuo de habilidades, qualificações e competências.
19. **Contribuição de migrantes e diáspora:** Criar condições para os migrantes e as diásporas contribuírem plenamente para o desenvolvimento sustentável em todos os países.
20. **Remessas:** Promover uma transferência de remessas mais rápida, segura e mais barata e promover a inclusão financeira dos migrantes.
21. **Retorno e reintegração dignos:** Cooperar para facilitar o retorno e a readmissão segura e digna, bem como a reintegração sustentável.
22. **Proteção social:** Estabelecer mecanismos para a portabilidade dos direitos de previdência social e benefícios.





23. **Cooperação internacional:** Fortalecer a cooperação internacional e as parcerias globais para garantir uma migração segura, ordenada e regular.

Em maio de 2022 foi lançada a **Plataforma de Informação sobre saúde e Migração nas Américas**, com o principal intuito de “para ajudar os países a salvaguardarem o direito à saúde dos migrantes na região”⁴⁹. O continente americano apresenta um alto índice de migrações, mais que dobrou desde 2005.

Pesquisas indicam que as migrações se agravaram após a crise promovida pela pandemia de COVID-19:

A Comissão Mista Permanente sobre Migrações Internacionais e Refugiados da Câmara dos Deputados afirma que cinco países respondem por 67% do deslocamento transfronteiriço no mundo: a Síria lidera, com quase 7 milhões de pessoas fora do país; a Venezuela é o segundo maior país com população deslocada no exterior; Afeganistão, com mais de 2,5 milhões; Sudão do Sul, com 2,2 milhões; e Mianmar, com mais de 1 milhão⁵⁰.

Trata-se de um movimento que, certamente, tem reflexos para o Brasil. Aliás, segundo o pesquisador da USP, João Gilberto Belvel Fernandes Júnior, apesar das fronteiras brasileiras permanecerem fechadas durante a pandemia, o fluxo migratório irregular continuou. Especialmente aquele vindo pela Amazônia, através de Roraima. Chegaram também refugiados do Oriente Médio, e mais recentemente da Ucrânia. Segundo o pesquisador, o fluxo deve aumentar de forma substancial pelo mundo.

⁴⁹ OPAS lança nova plataforma de informação sobre saúde e migração nas Américas. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/16-5-2022-opas-lanca-nova-plataforma-informacao-sobre-saude-e-migracao-nas-americas> Acesso em: 05 maio 2025.

⁵⁰ Fluxo migratório mundial, agravado no pós-pandemia, tem reflexos no Brasil. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/fluxo-migratorio-mundial-agravado-na-pos-pandemia-tem-reflexos-no-brasil/> Acesso em: 05 maio 2025.





De acordo com o **Boletim das Migrações**⁵¹, página relacionada à Secretaria Nacional de Justiça (SENAJUS), órgão pertencente ao Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), desde 2010, o Brasil registrou, até 31/12/2024, a entrada de 1.726.872 migrantes. Em março de 2025, porém, esse número já cresceu para 1.814.743. Até outubro de 2024, o órgão reconheceu 146.109 pessoas como refugiadas e recebeu 450.752 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado. O maior contingente de migrantes é vindo da Venezuela (500.636), do Haiti (183.102) e da Bolívia (110.795). Os reconhecidos como refugiados, em sua maioria são da Venezuela (134.089), da Síria (4.100) e da República Democrática do Congo (1.158).

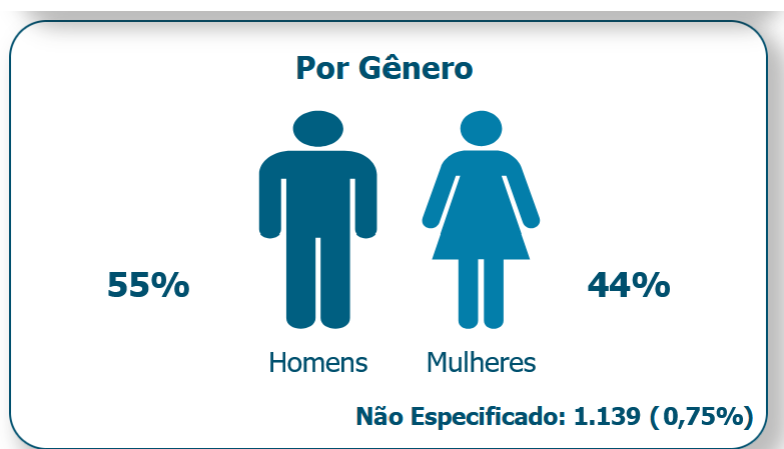
O Painel da Migração no Brasil⁵² é uma importante ferramenta de monitoramento, porque auxilia trazendo dados quantitativos para a elaboração de planejamento e implementação de políticas públicas que garantam a proteção de refugiados e migrantes no Brasil. Além de trazer os fluxos migratórios para o Brasil, o Boletim de Migrações também traz informações sobre brasileiros que vivem no Exterior. Em 2023, eram, 4,9 milhões de pessoas que viviam principalmente nos Estados Unidos, Portugal, Paraguai, Reino Unido e Japão.

Alguns dados interessantes extraídos do Painel da Migração no Brasil merecem ser destacados. Por gênero, dos 1.814.743 migrantes, 41% são mulheres e 59% são homens. Por faixa etária, pouco mais de 1/3 estão entre 25 e 40 anos de idade.

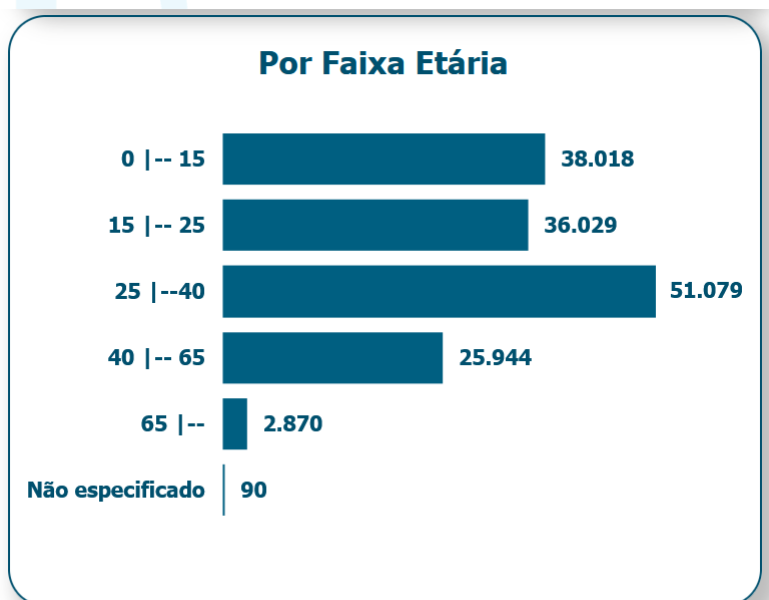
⁵¹ BOLETIM DA MIGRAÇÃO NO BRASIL. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/secretaria-nacional-de-justica-senajus/boletim-migracao-8.pdf> Acesso em: 05 maio 2025.

⁵² PAINEL DA MIGRAÇÃO NO BRASIL. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoizmQ2OTY1OGFtYTY2OS00MzU4LWYyZGItdDU4ZmMyMzZmYjQwliwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9> Acesso em: 05 maio 2025.





Fonte: Migração no Brasil⁵³.



Fonte: Migração no Brasil⁵⁴.

⁵³ PAINEL DA MIGRAÇÃO NO BRASIL. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoizmQ2OTY1OGEtYTY2OS00MzU4LWEyZGltdDU4ZmMyMzZmYjQwliwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9> Acesso em: 05 maio 2025.

⁵⁴ PAINEL DA MIGRAÇÃO NO BRASIL. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoizmQ2OTY1OGEtYTY2OS00MzU4LWEyZGltdDU4ZmMyMzZmYjQwliwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9> Acesso em: 05 maio 2025.





Migrantes são os não nacionais que obtiveram autorização de residência para viver no Brasil. Podem ser **permanentes** ou por **prazo determinado**. Refugiados reconhecidos são os que receberam essa condição pelo Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), nos termos da Lei n.º 9.474, de 1997. E ainda existem os solicitantes de condição de refugiado, isto é, os que aguardam a decisão do CONARE.

Os principais fatores que levam à migração são, em primeiro lugar, os sociais e políticos: perseguição religiosa, étnica, racial, política ou cultural. Um dos fatores que se destaca é a guerra ou a ameaça de conflito, diz o artigo, “Explorar as causas da migração: porque é que as pessoas migram?”⁵⁵. Estes, em geral, são os refugiados humanitários.

As Convenções de Genebra constituem o principal pilar do direito internacional humanitário, regulando a condução de conflitos armados e visando limitar o seu impacto. Na Europa, 384.245 pessoas pediram asilo e obtiveram o estatuto de proteção da União Europeia em 2022. Mais de ¼ vieram da Síria, do Afeganistão e da Venezuela.

Outro importante fator para migração é a questão demográfica e fatores econômicos que causam migração em busca de melhores condições de vida e trabalho. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), eram 169 milhões em todo o mundo em 2019, que migraram buscando padrões laborais mais dignos, melhores condições de vida, saúde e educação.

O meio ambiente também é uma das três causas destaque que provocam migrações. As pessoas fogem de catástrofes naturais consequência direta das alterações climáticas atuais. Há uma previsão de que até 2050 cresça muito o número de migrantes ambientais. Em abril de 2024 a União Europeia validou um

⁵⁵ Explorar as causas da migração: por que é que as pessoas migram? Disponível em: https://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/2020/7/story/20200624STO81906/20200624STO81906_pt.pdf Acesso em: 05 maio 2025.





Novo Pacto em matéria de Migração e Asilo⁵⁶. De forma resumida, o documento dá orientações para melhor gestão migratória, mais eficaz e mais humana, especialmente dirigida para os países que tem sofrido com pressões migratórias importantes.

Pesquisas apontam que do contingente de migrações internacionais pelo mundo, 47% são cristãos, seguidos por 29% de muçulmanos. Muitos dos migrantes saem de seus países de origem para fugir de perseguições religiosas. Embora isso não seja uma novidade na história da humanidade, constitui uma permanência histórica.

Como vimos, há no mundo uma série de organizações e iniciativas que visam tornar as migrações menos difíceis, empenhando-se em ações mais acolhedoras e humanas. Nesse conjunto, gostaríamos aqui de também destacar as experiências da Igreja Católica.

Publicada em 2004, pelo **Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes**, a **Instrução *Erga migrantes caritas Christi***, previa que naquele momento havia um enorme movimento de pessoas pelo mundo, cerca de 200 milhões, e que o fenômeno se constituía em “um problema cada vez mais complexo do ponto de vista social, cultural, político, religioso, econômico e pastoral”⁵⁷. Esse documento visava principalmente, “ser uma resposta eclesial às novas necessidades pastorais dos migrantes, a fim de conduzi-los, por sua vez, a transformar a experiência migratória em ocasião não só de crescimento na vida cristã mas também de nova evangelização e de missão”⁵⁸.

⁵⁶ Pacto em matéria de Migração e Asilo. Disponível em:

https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/priorities-2019-2024/promoting-our-european-way-life/migration-and-asylum/pact-migration-and-asylum_pt Acesso em: 05 maio 2025.

⁵⁷ Instrução “*Erga migrantes caritas Christi*”. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_20040514_erga-migrantes-caritas-christi_po.html Acesso em: 05 maio 2025.

⁵⁸ Instrução “*Erga migrantes caritas Christi*”. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_20040514_erga-migrantes-caritas-christi_po.html Acesso em: 05 maio 2025.





Em 2015 o Papa Francisco dirigiu uma mensagem para os migrantes por ocasião do **Dia Mundial do Migrante e do Refugiado**, cujo tema foi “Igreja sem fronteiras, mãe de todos”. Nesse documento o papa convidava todos a cuidar dos mais frágeis e vulneráveis, como os migrantes, pois segundo ele:

A Igreja sem fronteiras, mãe de todos, propaga no mundo a cultura do acolhimento e da solidariedade, segundo a qual ninguém deve ser considerado inútil, intruso ou descartável. A comunidade cristã, se viver efetivamente a sua maternidade, nutre, guia e aponta o caminho, acompanha com paciência, solidariza-se com a oração e as obras de misericórdia⁵⁹.

Sabemos que durante todo o seu pontificado, Francisco se preocupou em cuidar da questão dos migrantes e refugiados, permanecendo isso, como dissemos de início, uma de suas maiores marcas. Uma interessante reportagem do portal G1.com, realizada pelos jornalistas Arthur Stabile, Camila da Silva e Nayara Felizardo, utilizando a Inteligência Artificial, indicou que, durante os 12 anos em que foi papa, Francisco abordou em suas falas o tema da migração e do refúgio muitas vezes⁶⁰. Os jornalistas trouxeram 5 destaques, dos quais escolhemos um, por ressaltar a questão da migração como algo comum a todos os seres humanos. Trata-se de um discurso dirigido a empresários católicos, em 2016:

A maior parte de nós aqui presentes pertence a famílias de emigrantes. Os nossos avós ou pais chegaram à América do Sul ou do Norte provenientes da Itália, da Espanha, de Portugal, do Líbano ou de outros países, quase sempre em condições de extrema pobreza. Puderam levar por diante uma família, progredir tornando-se até empresários porque encontraram sociedades acolhedoras, por vezes tão pobres como eles, mas dispostas a

⁵⁹ Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial do Refugiado – 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20140903_world-migrants-day-2015.html Acesso em: 05 maio 2025.

⁶⁰ 'Maior parte de nós pertence a famílias de migrantes': veja frases do papa Francisco sobre migração. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/04/24/maior-parte-de-nos-pertence-a-familias-de-migrantes-veja-frases-do-papa-francisco-sobre-migracao.ghtml> Acesso em: 05 maio 2025.





partilhar o pouco que tinham. Conservai e transmiti este espírito que tem raízes cristãs, manifestando também nisto o gênio empresarial.

O papa da Misericórdia e da Esperança honrou o título que carregava em seu sentido literal, pois o significado de Pontífice é o de “construtor de pontes” (*pontifex – pons + facere = fazedor de pontes*). De acordo com o Mons. André Sampaio de Oliveira⁶¹, no Angelus do XXIII Domingo do Tempo Comum de 2015, o Papa Francisco afirmou:

Deus não é fechado em si mesmo, mas se abre e se coloca em comunicação com a humanidade. Na sua imensa misericórdia, supera o abismo da infinita diferença entre ele e nós e vem ao nosso encontro. Para realizar esta comunicação com o homem, Deus se faz homem: não lhe basta falar-nos mediante a lei e os profetas, mas se torna presente na pessoa de seu Filho, a Palavra feita carne. Jesus é o grande 'construtor de pontes', que constrói em si mesmo a grande ponte da comunhão plena com o Pai.

Eis porque ficará imortalizado como aquele que defendeu fortemente a ideia da evangelização pela construção de pontes e não de muros, tornando-se, para nós, uma forte imagem para a discussão dessa temática tão urgente e, ao mesmo tempo, sensível.

2.7 A crise humanista e o papel das Organizações Internacionais

Como temos insistido, o nosso tempo é marcado por uma **grave crise humanista**, cuja manifestação mais evidente é a indiferença diante do sofrimento alheio. Vivemos em um mundo cada vez mais **plural em valores, culturas e interesses geopolíticos**, o que torna a construção de consensos um desafio permanente. No entanto, a diversidade não pode ser confundida com relativismo

⁶¹ Papa no Iraque: “temos que derrubar muros e construir pontes”. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-03/artigo-assinado-viagem-papa-francisco-ao-iraque-andre-oliveira.html> Acesso em: 05 maio 2025.





moral, nem usada como justificativa para a inação diante de injustiças flagrantes. O tempo presente exige, mais do que nunca, uma **ação coletiva voltada à superação do indiferentismo** que corrói os vínculos de solidariedade entre os povos.

A crise humanista se expressa, entre outros aspectos, na **fragilidade das instituições multilaterais**, em especial da **Organização das Nações Unidas (ONU)**, criada em 1945 justamente com a missão de promover a paz, os direitos humanos e a cooperação entre as nações. Hoje, a ONU enfrenta sérios questionamentos quanto à sua legitimidade, autonomia e capacidade de ação⁶². A dificuldade em mediar conflitos como a guerra entre **Rússia e Ucrânia**, o genocídio em curso na **Faixa de Gaza**, e a crescente tensão em regiões como o **Sudão, Haiti e Myanmar**, evidencia a **perda de centralidade da ONU** no sistema internacional.

Além disso, **países com poder de veto no Conselho de Segurança**, como Rússia, China e Estados Unidos, frequentemente utilizam essa prerrogativa para bloquear resoluções em nome de seus interesses estratégicos, enfraquecendo qualquer tentativa de resposta multilateral efetiva. O **Conselho de Direitos Humanos da ONU**, por sua vez, tem sido alvo de críticas por sua composição muitas vezes contraditória – incluindo membros acusados de violações sistemáticas de direitos humanos⁶³. Esses fatores contribuem para a percepção de que a ONU tornou-se um organismo burocrático, lento e cada vez mais incapaz de oferecer respostas concretas às emergências humanitárias globais.

Apesar desse cenário, **há iniciativas e vozes internacionais que apontam para a possibilidade de rearticulação de compromissos éticos e solidários**. O exemplo do Papa Francisco tornou-se tão emblemático que não pode e não poderá ser ignorado, com uma atuação que transcende os limites religiosos e se

⁶² A crise da ONU e do sistema multilateral; Brasil não deve tomar partido na disputa entre EUA e China. Disponível em: <https://interessenacional.com.br/portal/a-crise-da-onu-e-do-sistema-multilateral-brasil-nao-deve-tomar-partido-na-disputa-entre-eua-e-china/> Acesso em: 06 maio 2025.

⁶³ O que é a ONU e quais são as principais críticas ao grupo formado para evitar novas guerras. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49805594> Acesso em: 12 maio 2025.





projeta como um chamado à ética universal. Em documentos como a encíclica **Fratelli Tutti** (2020), o pontífice denunciava a globalização da indiferença, a cultura do descarte e o fechamento egoísta das fronteiras nacionais diante do drama das migrações⁶⁴. Sua proposta de uma “política com ternura” e uma “economia que não mata” representa uma ruptura simbólica com os paradigmas neoliberais e belicistas que dominam as relações internacionais. Em sua primeira oração do *Regina Coeli*, em 11 de maio passado, o **Papa Leão XIV** demonstrou sintonia com o legado de seu predecessor, exigindo o fim de conflitos entre países, o fim da guerra, citando explicitamente o caso das guerras da Rússia e Ucrânia e a invasão da faixa de Gaza pelo governo de Israel⁶⁵. Tudo indica que a Igreja Católica continuará ocupando seu papel de construtora de pontes num mundo de muitas rupturas, em que os organismos internacionais não alcançam completamente o objetivo de pacificação e de garantia de direitos.

Outro exemplo relevante é a atuação de movimentos da sociedade civil transnacional, como o **movimento internacional pela justiça climática**⁶⁶, que pressiona governos e corporações por mudanças estruturais. A juventude global, em particular, tem se organizado em redes como **Fridays for Future**⁶⁷ (liderada por Greta Thunberg), que desafiam a lentidão dos organismos oficiais e oferecem novas formas de mobilização ética e política.

Frente à crise humanista e à fragilidade das instituições tradicionais, o desafio que se impõe é duplo: por um lado, **revitalizar o papel das Organizações**

⁶⁴ Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html

⁶⁵ 'Guerra nunca mais': papa pede paz duradoura na Ucrânia e cessar-fogo em Gaza ao celebrar 1ª oração de domingo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/05/11/papa-leao-xiv-da-a-primeira-bencao-dominical-a-fieis-na-praca-de-sao-pedro.ghtml> Acesso em: 12 maio 2025.

⁶⁶ Justiça Climática – Greenpeace. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/informe-se/justica-climatica/>

⁶⁷ Ver: <https://fridaysforfuture.org/> Acesso em: 12 maio 2025.





Internacionais como espaços legítimos de coordenação global e, por outro, **reconhecer e incorporar as vozes que emergem da base social**, das periferias geográficas e existenciais do mundo. Só assim será possível recuperar a capacidade de sonhar com uma comunidade internacional fundada na dignidade humana, na justiça e na solidariedade.

2.8 Migrações e processo eleitoral

O tema da imigração tem ocupado lugar de destaque no processo eleitoral de muitas democracias contemporâneas, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, aguçando a polarização política, contribuindo para redefinição do sistema partidário nacional e, muito mais grave, dando margem para que a xenofobia prospere na sociedade e nos discursos e propostas de boa parte das elites políticas⁶⁸. Embora muitos sejam os exemplos desde o qual possa ser lido, aqui faremos referência ao continente europeu, em que os casos da Áustria, Alemanha e Portugal são bem representativos.

Os resultados das eleições legislativas na Áustria, em setembro de 2024, indicaram a vitória do Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ), de extrema-direita, com aproximadamente 29,2% dos votos. Em seguida aparecem o **Partido Popular Austríaco (ÖVP), de centro-direita, com 26,5%**, e o Partido Social-Democrata da Áustria (SPÖ), de centro-esquerda, com 21,1%. O programa eleitoral do Partido da Liberdade, denominado de “Fortaleza Áustria”, defende a “repatriação de estrangeiros não convidados” como

⁶⁸ PRZEWORSKI, Adam; tradução Berilo Vargas. *Crises da Democracia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2020. ZANETTI, Lucas Arantes; SILVA, Thaís França da. Entrevista com Kristian Berg Harpviken. In: *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 35, n. 3, setembro-dezembro 2023, p. 215-226.





forma de alcançar uma nação mais homogênea, com maior controle das fronteiras e suspensão do direito de asilo⁶⁹. Um discurso anti-imigração sem maiores rodeios.

O Partido da Liberdade não alcançou maioria no parlamento austríaco. Também fracassou na tentativa de formar uma coalizão governamental, depois das eleições legislativas. O impasse político foi superado no início deste ano, com um acordo entre o **Partido Popular Austríaco, que indicou Christian Stocker para primeiro-ministro, o Partido Social-Democrata e os liberais do NEOS**. O gabinete do governo parlamentarista formado excluiu a extrema-direita. Entretanto, o principal partido da coalizão governamental defende mais rigor no controle migratório⁷⁰.

O resultado do processo eleitoral na Alemanha, encerrado em fevereiro de 2025, foi igualmente influenciado pela pauta anti-imigração. O SPD (partido social-democrata, de centro-esquerda) ficou com 120 cadeiras na câmara baixa, 86 a menos do que na eleição geral de 2021; CDU/CSU (coalizão de dois partidos conservadores, o pujante União Democrática Cristã (CDU) e o pequeno União Social Cristã da Bavieira (CSU) alcançaram 208 cadeiras, 11 a mais do que em 2021; AfD (partido de extrema direita "Alternativa para Alemanha") conquistou 152 cadeiras, 69 a mais do que em 2021; Partido Verde conseguiu 85 cadeiras, 33 a menos do que em 2021; A

⁶⁹ G1. Extrema direita vence eleições gerais na Áustria e busca caminho para formar governo. G1/São Paulo, 29/09/2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/09/29/extrema-direita-vence-eleicoes-gerais-na-austria-e-busca-caminho-para-formar-governo.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2025.

⁷⁰ G1. Partidos centristas da Áustria chegam a acordo para formar coalizão sem extrema direita. G1/São Paulo, 27/02/2025. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/27/austria-acordo-governo-coalizao-sem-extrema-direita.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2025.





Esquerda (partido político de esquerda) alcançou 64 cadeiras, 25 a mais do que em 2021⁷¹.

O grande derrotado nas eleições parlamentares da Alemanha foi então primeiro-ministro Olaf Scholz (SPD), tendo o partido social-democrata alcançado apenas 16,4% dos votos computados. É bom lembrar que o SPD defende o Estado de bem-estar social, direitos trabalhistas, transição energética para fontes renováveis e maior integração do país com a União Europeia. Scholz assumiu o cargo de primeiro-ministro, também chamado de chanceler, em dezembro de 2021, logo depois das eleições parlamentares daquele ano. Sucedeu Angela Merkel (CDU), que governou o país no período de 2005 a 2021.

Friedrich Merz (CDU) liderou a coalizão conservadora vitoriosa, localizada na centro-direita, que obteve 28.6% dos votos. A legenda "Alternativa para Alemanha" (AfD) tornou-se a segunda força política no parlamento, com uma votação recorde de 20,8%, tendo como principal liderança Alice Weidel⁷². A ascensão destas forças políticas e sociais aponta para mudanças na composição do Bundestag e no sistema partidário nacional. O fracasso do partido social-democrata teve como beneficiários o CDU e o AfD, representando uma guinada à direita do eleitorado, e que terá consequências na agenda governamental. O partido político "A Esquerda" mais que dobrou o número de cadeiras no parlamento,

⁷¹ G1. Social-democratas sofrem derrota histórica na Alemanha, conservadores vencem, e extrema direita tem ascensão recorde. G1/São Paulo, 24/02/2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/24/conservadores-vencem-eleicao-na-alemanha-e-extrema-direita-tem-ascensao-recorde.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2025.

⁷² BBC News Brasil. Conservadores confirmam vitória na Alemanha e direita radical tem votação recorde. BBC News Brasil, São Paulo, 23/02/2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx28v597pelo>. Acesso em: 09 jun. 2025.





possivelmente ocupando parte do espaço deixado pela derrota do SPD, e também como resposta ao crescimento da AfD. Suas lideranças principais são Ines Schwwerdtner e Jan van Aken.

Entre os temas que pautaram as eleições parlamentares na Alemanha em 2025, destaca-se a questão do repúdio aos imigrantes. Para muitos analistas, este é o principal fator explicativo para o avanço do partido de extrema-direita “Alternativa para Alemanha”. No caso dessa agremiação política, aparecem propostas que defendem a expulsão de imigrantes sem documentos, e até mesmo uma “reemigração”, termo usado para pressionar os migrantes na Alemanha a retornarem aos seus países de origem, inclusive para quem possui cidadania alemã. Trata-se de um contexto político bem diferente daquele em que propiciou o acolhimento de refugiados da Síria e do Afeganistão, em 2015/2016, e mais recentemente das pessoas que fugiram da guerra na Ucrânia⁷³.

No início de maio de 2025, Friedrich Merz foi eleito novo primeiro-ministro da Alemanha, encerrando uma série de prolongadas negociações entre o seu partido e o SPD, confirmando assim a promessa de isolar a extrema-direita⁷⁴. O acordo de coalizão firmado entre as duas forças políticas estabelece como prioridades “reativar uma economia em recessão, frear a ascensão do partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD) e apoiar o fortalecimento da defesa europeia”, mas inclui também a

⁷³ BBC News Brasil. 3 razões por que a direita radical alcançou melhor resultado eleitoral na Alemanha desde a 2ª. Guerra. BBC News Brasil, São Paulo, 25/02/2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c93n8x31k2lo>. Acesso em: 09 jun. 2025.

⁷⁴ G1. Friedrich Merz é eleito novo chefe de governo da Alemanha após derrotada inesperada em 1ª. votação. G1/São Paulo, 06/05/2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/05/06/apos-derrota-inesperada-friedrich-merz-e-eleito-novo-chefe-de-governo-da-alemanha-em-2a-votacao.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2025.





ideia de conter a imigração ilegal⁷⁵. Será um grande desafio conter o avanço da ultradireita no eleitorado alemão, de modo a neutralizar o discurso nacionalista xenófobo e contrário ao multiculturalismo.

Em Portugal, por sua vez, o partido anti-imigração Chega (CH) alcançou votação surpreendente nas eleições legislativas, realizadas em 18 de maio último, alcançando 60 cadeiras no parlamento. O desempenho eleitoral superou o Partido Socialista (PS) que ficou com 58 assentos, seu pior desempenho nas últimas décadas. A coalizão denominada de “Aliança Democrática” (AD), integrada pelo Partido Social Democrata (PSD), de centro-direita, e pelo Centro Democrático Social – Partido Popular (CDS/PP), conservador de direita, com raízes democrata-cristãs, foi a grande vitoriosa na disputa obtendo 91 cadeiras. O então primeiro-ministro Luís Montenegro liderou a AD no pleito nacional⁷⁶.

O tema da imigração esteve no centro do debate, com crescimento do eleitorado insatisfeito com o regime migratório praticado em Portugal nos últimos anos. O partido Chega, liderado por André Ventura, defendeu o controle das fronteiras para restringir a imigração, a criação do crime “residência ilegal em solo português”, a criação de cotas anuais de entrada

⁷⁵ G1. Esquerda e direita assinam acordo para formar governo na Alemanha; extrema-direita fica de fora. G1/São Paulo, 05/05/2025. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/05/05/esquerda-e-direita-da-alemanha-assinam-acordo-para-formar-governo.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2025.

⁷⁶ BBC News Brasil. Eleições em Portugal: coalizão de centro-direita recebe maior votação, e partido anti-imigração cresce de novo. BBC News Brasil, São Paulo, 18/05/2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c74nzk073nvo>.

Acesso em: 09 jun. 2025.





de estrangeiros no país com base "nas qualificações dos imigrantes e nas necessidades do mercado português", entre outras propostas⁷⁷.

O líder da "Aliança Democrática", Luís Montenegro, foi reconduzido ao cargo de primeiro-ministro no final de maio⁷⁸. Uma das suas primeiras medidas foi anunciar "a expulsão de 33.983 imigrantes que solicitaram residência no país, mas tiveram o pedido negado", o que sinaliza para o endurecimento do controle migratório no país⁷⁹. Em outras palavras, embora o Chega tenha ficado de fora da coalização governamental, sua influência na formação da agenda é palpável. Além disso, de forma contraditória, no propósito de impedir o avanço do partido anti-imigração, a AD adota medidas que poderiam ser adotadas pela extrema-direita.

Para finalizar essa breve reflexão sobre a crescente intolerância em relação aos imigrantes nas democracias contemporâneas, é preciso ressaltar a preocupante situação em andamento nos Estados Unidos.

O resultado da eleição presidencial nos Estados Unidos, ocorrida em 05 de novembro de 2024, indicou a vitória de Donald Trump (Partido Republicano) sobre Kamala Harris (Partido Democrata). Trump venceu em 31 estados norte-americanos, de um total de 50, alcançando maioria no voto popular e 320 votos no colégio eleitoral. Uma votação superior àquela alcançada em 2016,

⁷⁷ BBC News Brasil. A rápida ascensão do Chega, partido de direita e anti-imigração que empatou com a esquerda em Portugal. BBC News Brasil, São Paulo, 19/05/2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cp3q49nzpj0o>. Acesso em: 09 jun. 2025.

⁷⁸ G1. Primeiro-ministro de Portugal, Luís Montenegro é confirmado para formação de novo governo. G1/São Paulo, 29/05/2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/05/29/primeiro-ministro-de-portugal-e-confirmado-para-formacao-de-novo-governo.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2025.

⁷⁹ BBC News Brasil. Como Portugal passou de país com portas abertas a estrangeiros a expulsão em massa de imigrantes. BBC News Brasil, São Paulo, 08/06/2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cqxe1wwg51go>. Acesso em: 09 jun. 2025.





quando foi eleito pela primeira vez para presidente⁸⁰. Além disso, o Partido Republicanos terá maioria na Câmara dos Representantes⁸¹ no Senado⁸² no Congresso Nacional, aspecto fundamental no sistema político dos Estados Unidos, marcado pelo bipartidarismo e regime presidencialista.

Na campanha de Trump, em 2024, o discurso anti-imigração ganhou ainda mais centralidade, quando comparada aos pleitos de 2016 e 2020. Não sem motivo o candidato foi frequentemente criticado por exagerar acontecimentos, ou mesmo por divulgar *fake news*, no intuito de fortalecer o sentimento nacional de repúdio aos imigrantes⁸³.

Depois de assumir o cargo, na segunda quinzena de janeiro de 2025, Trump adotou uma série de medidas contra os imigrantes residentes nos Estados Unidos. Entre elas podemos citar: decretação de emergência nacional na fronteira com o México; fim da cidadania automática para filhos de imigrantes ilegais ou com vistos temporários nascidos nos EUA; deportação rápida de imigrantes ilegais sem a necessidade de uma audiência judicial; revogação da proibição de prisões de imigrantes em locais como hospitais,

⁸⁰ DW Brasil. Trump sai vitorioso em todos os estados-chave da eleição. DW, São Paulo, 10/11/2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/trump-sai-vitorioso-em-todos-os-estados-chave-da-elei%C3%A7%C3%A3o/a-70748478> . Acesso em: 09 jun. 2025.

⁸¹ G1. Republicanos conquistam maioria na Câmara e vão controlar o Congresso dos EUA. G1/São Paulo, 14/11/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2024/noticia/2024/11/14/republicanos-conquistam-maioria-na-camara-e-vaio-controlar-o-congresso-dos-eua.ghtml> . Acesso em: 09 jun. 2025.

⁸² G1. Eleições nos EUA: Partido Republicano conquista a maioria no Senado. G1/São Paulo, 06/11/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2024/noticia/2024/11/06/eleicoes-nos-eua-partido-republicano-conquista-a-maioria-do-senado.ghtml> . Acesso em: 09 jun. 2025.

⁸³ G1. Trump escala discurso anti-imigração e pede pena de morte para imigrantes que matem cidadãos norte-americanos. G1/São Paulo, 11/10/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2024/noticia/2024/10/11/trump-escala-discurso-anti-imigracao-e-pede-pena-de-morte-para-imigrantes-que-matem-cidadaos-americanos.ghtml> . Acesso em: 09 jun. 2025.





igrejas e escolas⁸⁴. Os estudantes estrangeiros em renomadas universidades também passaram a sofrer risco de deportação, aspecto inédito e que rompe uma das mais relevantes tradições da cultura universitária norte-americana⁸⁵.

Milhares de pessoas já foram deportadas este ano, famílias estão em pânico com o risco de serem separadas, a história de trabalhadores que construíram suas vidas é solenemente ignorada, e até mesmo eleitores de Trump estão surpreendidos com a extensão e consequências das iniciativas em curso. Mais recentemente, começam a eclodir os primeiros grandes protestos sociais contra as medidas anti-imigração, como na cidade Los Angeles, no estado da Califórnia⁸⁶.

O tema exige aprofundamento e urgência. A condição dos imigrantes em muitas das democracias contemporâneas está ameaçada. Não importa quanto tenham contribuído para a construção nacional. Não importa que sejam cidadãos honestos, pagadores de impostos e pessoas que enriqueceram a cultura local. Não importa que sejam refugiados de guerra, de regimes autoritários e da barbárie. Não importa que fujam da fome e da pobreza. Felizmente ainda sobrevivem a solidariedade e acolhimento entre os povos, bem como o sentimento de justiça. Este é o caminho que nos desafia, e que exige imaginação e liderança política.

⁸⁴ G1. Veja ponto a ponto a ofensiva de Trump contra imigrantes ilegais. G1/São Paulo, 22/01/2025. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/01/22/veja-ponto-a-ponto-a-ofensiva-de-trump-contra-imigrantes-ilegais.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2025.

⁸⁵ G1. Trump x universidades: com medo de perder o visto, alunos estrangeiros deletam redes sociais, excluem grupos de whatsapp e evitam sair de casa. G1/São Paulo, 28/01/2025. Disponível em:

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2025/05/28/trump-x-universidades-alunos-estrangeiros-medo.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2025.

⁸⁶ BBC News Brasil. Los Angeles: a tempestade perfeita criada por batidas de Trump contra imigrantes em cidade de estrangeiros. BBC News Brasil, São Paulo, 11/06/2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cj6r4p5jk25o>. Acesso em: 09 jun. 2025.





3. MIGRAÇÕES NO CENÁRIO NACIONAL

No contexto brasileiro, como mencionando anteriormente, a migração apresenta desafios específicos que se entrelaçam com questões sociais, econômicas e políticas internas. O país, historicamente conhecido por receber imigrantes, tem enfrentado um aumento significativo no fluxo de migrantes e refugiados, especialmente vindos de países latino-americanos e africanos em situação de crise, como Venezuela, Haiti e Senegal. Essa realidade impõe pressões sobre os serviços públicos, particularmente nas áreas de saúde, educação e assistência social, além de evidenciar lacunas na legislação migratória e na capacidade institucional de promover a inclusão desses grupos. Ao mesmo tempo, o fenômeno também desafia a sociedade brasileira a enfrentar preconceitos e fortalecer uma cultura de acolhimento e respeito à diversidade.

3.1 Indiferenças estruturais e configuração social no Brasil

O Brasil é marcado por estruturas históricas de exclusão e desigualdade que se mantêm, moldando profundamente as relações sociais, o acesso a direitos e a distribuição de oportunidades. Tais estruturas estão assentadas em recortes de raça, gênero e regionalidade, que operam de forma combinada para produzir diferentes formas de indiferença social – não apenas como ausência de cuidado, mas como uma prática sistemática de negação da dignidade e da cidadania de amplas parcelas da população.

3.1.1. Raça e exclusão sistêmica

A desigualdade racial no Brasil não é uma herança do passado; é uma realidade estrutural e atual. Segundo dados do IBGE (2022), 75% da população





mais pobre do país é negra (pretos e pardos)⁸⁷. A par disso, pessoas negras ocupam apenas 29,5% dos cargos de chefia no mercado de trabalho formal, enquanto a taxa de homicídios entre jovens negros é quase três vezes maior que entre jovens brancos⁸⁸. No acesso à educação superior, apesar dos avanços das políticas de cotas, os negros ainda representam menos de 40% dos matriculados em universidades públicas⁸⁹, mesmo sendo mais da metade da população.

Esses dados evidenciam como o racismo estrutural se traduz em desigualdades concretas que afetam a vida, a renda, a segurança e as oportunidades dos cidadãos negros no Brasil. Trata-se de uma indiferença institucionalizada, reforçada por práticas sociais e políticas públicas insuficientes ou mal implementadas.

3.1.2. Gênero e desigualdade persistente

A desigualdade de gênero também permanece como uma marca profunda da configuração social brasileira. Embora as mulheres sejam maioria entre os diplomados no ensino superior (62%), elas ainda ganham, em média, 22% menos do que os homens na mesma função (IBGE, 2023)⁹⁰, ocupam apenas 15% das cadeiras no Congresso Nacional, refletindo uma grave sub-representação

⁸⁷ População preta cresce 42% e outras 4 novidades sobre perfil étnico-racial dos brasileiros no Censo 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nyekzdd16o> Acesso em: 12 maio 2025.

⁸⁸ Taxa de homicídio entre negros é quase três vezes maior que a de brancos, constata IBGE. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2019-11/taxa-de-homicidio-entre-negros-e-quase-tres-vezes-maior> Acesso em: 12 maio 2025.

⁸⁹ Presença de negros avança pouco em cursos de ponta das universidades. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/2019/07/01/presenca-de-negros-avanca-pouco-em-cursos-de-ponta-das-universidades/> Acesso em: 12 maio 2025.

⁹⁰ Mulheres ganham 20,7% menos que homens em empresas com mais de 100 funcionários, aponta 2º Relatório de Transparência Salarial. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Setembro/mulheres-ganham-20-7-menos-que-homens-em-empresas-com-mais-de-100-funcionarios-aponta-2deg-relatorio-de-transparencia-salarial> Acesso em: 12 maio 2025.





política⁹¹ e são as principais vítimas da violência doméstica: em 2022, o Brasil registrou 1 feminicídio a cada 6 horas, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública⁹².

A carga do cuidado doméstico, associada à precariedade das políticas de proteção à mulher, evidencia um sistema que normaliza a desigualdade de gênero e frequentemente falha em reconhecer ou responder às suas causas estruturais.

3.1.3. Regionalidade: o abismo entre os Brasis

A divisão territorial e econômica do Brasil acentua ainda mais as desigualdades estruturais. Os dados do Atlas da Desigualdade mostram que enquanto a renda média per capita no Distrito Federal é de R\$ 2.800, no Maranhão ela é de apenas R\$ 754 (IBGE, 2022)⁹³. O acesso a saneamento básico no Norte e Nordeste ainda está muito abaixo da média nacional: apenas 26% das residências na região Norte têm coleta de esgoto adequada, contra mais de 80% no Sudeste⁹⁴. E o índice de analfabetismo entre adultos com mais de 25 anos chega a 15% no Nordeste, o triplo da taxa do Sul.

Essas disparidades regionais não são meramente econômicas: elas revelam uma **geografia da indiferença**, na qual o local de nascimento define o grau de

⁹¹ A sub-representação das mulheres na política brasileira. Disponível em: https://classic.exame.com/esferabrasil/a-sub-representacao-das-mulheres-na-politica-brasileira/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento Acesso em: 12 maio 2025.

⁹² Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml> Acesso em: 12 maio 2025.

⁹³ Renda per capita bate recorde em 2024 e desigualdade atinge menor nível desde 2012, mostra IBGE. Disponível em: <https://brasil61.com/n/renda-per-capita-bate-recorde-em-2024-e-desigualdade-atinge-menor-nivel-desde-2012-mostra-ibge-bras2513936> Acesso em: 12 maio 2025.

⁹⁴ Norte e Nordeste convivem com restrições no acesso a saneamento básico. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20979-norte-e-nordeste-convivem-com-restricoes-no-acesso-a-saneamento-basico> Acesso em: 12 maio 2025.





acesso a direitos e possibilidades de vida digna. São dados que de forma contumaz temos apresentado em nossas análises de conjuntura, como foi o caso da recente análise elaborada para a Assembleia Geral de 2025 que, no entanto, não aconteceu por conta do falecimento do Papa Francisco. Demonstram, por um lado, sintonia analítica entre nossas produções. Por outro, contudo, a formatação de uma realidade que parece não se mover rumo à superação das assimetrias.

3.2 Êxodos brasileiros: migrações e deslocamentos internos e externos

Os fluxos migratórios no Brasil, tanto os internos quanto os internacionais, constituem uma dimensão essencial para compreender a configuração social e territorial do país. Desde os tempos coloniais, o Brasil foi marcado por processos de mobilidade humana intensos e desiguais, ora impulsionados por promessas de desenvolvimento e modernização, ora por situações de expulsão, precariedade ou violência. No cenário contemporâneo, os deslocamentos continuam ocorrendo de forma massiva, revelando um país ainda em busca de um modelo de organização territorial que garanta dignidade, pertencimento e justiça social para todos os seus habitantes.

As migrações internas têm desempenhado, historicamente, um papel central na ocupação e desenvolvimento de diferentes regiões brasileiras. Durante o século XX, movimentos como a migração nordestina para o Sudeste e Centro-Oeste foram cruciais para o crescimento urbano e industrial de cidades como São Paulo, Brasília e Belo Horizonte⁹⁵. Esses fluxos populacionais, motivados principalmente por crises econômicas, estiagens prolongadas e a ausência de oportunidades no campo, alimentaram a urbanização acelerada do país. Contudo, esse processo deu-se de

⁹⁵ A migração no Brasil no começo do século 21: continuidades e novidades trazidas pela PNAD 2004. Disponível em: <https://www.cepal.org/sites/default/files/courses/files/mpinto.pdf> Acesso em: 12 maio 2025.





forma desordenada⁹⁶, sem planejamento adequado e sem a estruturação de políticas públicas capazes de acompanhar o crescimento demográfico das metrópoles.

Nos anos recentes, esse quadro de deslocamentos internos passou a assumir novas dinâmicas. O aumento da especulação imobiliária, o encarecimento da vida nas grandes cidades e a gentrificação de áreas centrais⁹⁷ têm levado famílias de baixa renda a buscarem moradia em regiões periféricas ou em cidades médias, provocando novos tipos de êxodos urbanos. Ao mesmo tempo, o avanço de grandes empreendimentos agroindustriais e extrativistas em regiões como o Norte e o Centro-Oeste tem provocado o deslocamento forçado de comunidades tradicionais⁹⁸, povos indígenas, ribeirinhos e agricultores familiares. São deslocamentos que não aparecem sempre nas estatísticas oficiais, mas que têm impactos profundos na desagregação de formas de vida comunitária e no enraizamento cultural desses grupos.

Esses processos de mobilidade revelam uma contradição estrutural do modelo de desenvolvimento brasileiro: ao mesmo tempo em que o crescimento econômico depende da mobilidade da força de trabalho e da expansão territorial, ele também opera por meio da **expulsão de populações vulneráveis e da precarização de seus modos de vida**. O êxodo rural, por exemplo, longe de ser superado, ainda persiste, especialmente em áreas marcadas por conflitos fundiários ou ausência de políticas agrárias sustentáveis. Em muitos casos, trata-se de deslocamentos compulsórios, motivados pela escassez de serviços públicos básicos, pela violência ou pela destruição ambiental.

⁹⁶ O fenômeno migratório no Brasil. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/o-fenomeno-migratorio-no-brasil/>. Acesso em: 12 maio 2025.

⁹⁷ Blach, Matheus Cássio. Gentrificação, modelos teóricos e estudos de caso: ensaio de crítica historiográfica. Revista de Arquitetura IMED, Passo Fundo, vol. 8, n. 1, p. 129-146, Janeiro-Junho, 2019.

⁹⁸ Grandes empreendimentos provocam deslocamentos forçados na Amazônia. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/16/grandes-empreendimentos-provocam-deslocamentos-forcados-na-amazonia/>. Acesso em: 12 maio 2025.





Além dos deslocamentos internos, o Brasil também vivencia um fenômeno crescente de **migração internacional**. Historicamente, o país foi receptor de imigrantes europeus, asiáticos e latino-americanos, especialmente durante os séculos XIX e XX. Nos últimos anos, no entanto, o Brasil passou a receber um número expressivo de migrantes e refugiados oriundos de contextos de crise humanitária – como os haitianos, após o terremoto de 2010, os sírios em fuga da guerra civil, e sobretudo os venezuelanos, cuja crise sociopolítica provocou um dos maiores fluxos migratórios da América do Sul⁹⁹. Apenas entre 2017 e 2023, mais de 400 mil venezuelanos entraram no Brasil, segundo dados da Operação Acolhida, concentrando-se principalmente em estados da Região Norte.

Embora o Brasil tenha adotado um marco legal relativamente avançado com a nova Lei de Migração (Lei nº 13.445/2017), que reconhece direitos dos migrantes e propõe princípios humanitários de acolhimento, a implementação dessas diretrizes tem sido desigual¹⁰⁰. Muitos migrantes enfrentam dificuldades no acesso a serviços públicos, inserção no mercado de trabalho e regularização documental, sobretudo nas regiões de fronteira. A xenofobia e o racismo institucional também impõem barreiras adicionais, reproduzindo a lógica de exclusão já presente no tratamento das populações internas historicamente marginalizadas.

Do outro lado, observa-se também um novo movimento de **emigração de brasileiros para o exterior**. Os motivos são variados: crise econômica, falta de perspectiva profissional, insegurança pública e desilusão política. Países como Estados Unidos, Portugal, Japão e Reino Unido continuam a ser destinos procurados, com um crescimento expressivo da presença brasileira em cidades

⁹⁹ Fluxo migratório venezuelano no Brasil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil> Acesso em: 12 maio 2025.

¹⁰⁰ de Jesus, L.E.S.; Santos, L.B. Migração no Brasil: os avanços da Lei nº 13.445/2017 e os obstáculos ao acolhimento humanitário do migrante. Revista Mosaico, v.11, n.2, p. 131 - 139, 2020.





médias e periferias urbanas desses países¹⁰¹. Essa nova diáspora brasileira traz desafios para a formulação de políticas externas e consulares, mas também revela uma busca por pertencimento fora das fronteiras nacionais – um sintoma das falhas internas em garantir dignidade e estabilidade.

A mobilidade humana no Brasil, portanto, não pode ser analisada apenas como deslocamento geográfico, mas como processo social que envolve perdas e reconstruções, rupturas e rearticulações identitárias. É nesse contexto que as **migrações internas podem se tornar também espaços de resistência e reconstrução comunitária**. Em várias regiões do país, o reassentamento de famílias migrantes levou à criação de bairros, associações comunitárias, redes de solidariedade e experiências políticas locais marcadas por forte coesão social. Esse é o caso, por exemplo, de bairros inteiros formados por migrantes nordestinos em cidades do Sudeste¹⁰², onde surgiram centros culturais, festivais e formas organizadas de reivindicação por políticas públicas.

Essas experiências mostram que os fluxos migratórios, embora marcados por dor e precariedade, também têm potencial de fertilizar novos laços sociais, consolidar **identidades regionais e promover formas de ação coletiva**. Políticas públicas que reconheçam esse potencial e atuem para consolidar essas redes podem contribuir para o desenvolvimento regional com inclusão e justiça. No entanto, ainda predomina uma lógica fragmentada e reativa nas políticas de mobilidade e urbanização, com ações que chegam tardiamente ou sem articulação entre os entes federativos.

¹⁰¹ População de brasileiros no exterior aumentou 81,4% desde 2015. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2025-fev-23/populacao-de-brasileiros-no-externo-aumentou-814-desde-2015/>. Acesso em: 12 maio 2025.

¹⁰² A nova força nordestina: os migrantes do século 21 que transformam São Paulo. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/capa-migrantes-nordestinos-sao-paulo/>. Acesso em: 12 maio 2025.





Assim, compreender os êxodos brasileiros é, em última instância, olhar para os **descompassos entre território e cidadania, entre mobilidade e direito**, entre o desejo de uma vida melhor e a realidade das barreiras institucionais. Somente uma abordagem integrada, que articule urbanismo, direitos humanos, políticas de habitação, meio ambiente e cultura, poderá transformar os deslocamentos – internos ou externos – em caminhos de pertencimento e reconstrução coletiva.

3.3 Crise humanista e a falência do modelo comunitário

A crise humanista que atravessa o Brasil manifesta-se, de forma concreta e dolorosa, nas fragilidades cada vez mais evidentes do modelo comunitário que sustenta a vida em sociedade. Também falamos disso em outras análises de conjuntura e o tema até integrou a reflexão do Texto Base da Campanha da Fraternidade em 2024. Em sua essência, essa crise é marcada por um profundo esvaziamento dos princípios de solidariedade, corresponsabilidade e cuidado coletivo – valores que historicamente sustentaram as redes de convivência e os pactos civilizatórios no país, muito inspirados pela tradição cristã. O avanço da lógica neoliberal, centrada no individualismo competitivo e na mercantilização de todas as dimensões da vida, corroeu os alicerces que poderiam garantir uma convivência baseada na dignidade humana, na justiça social e na equidade.

As condições de vulnerabilidade em que vivem milhões de brasileiros atestam essa falência de maneira quase insuportável. A moradia, que deveria ser um direito elementar, permanece negada para vastas parcelas da população urbana. Segundo dados da Fundação João Pinheiro (2023), o déficit habitacional brasileiro ultrapassa 5,8 milhões de moradias, com cerca de 25 milhões de pessoas vivendo em condições precárias, como favelas, ocupações irregulares ou





moradias improvisadas¹⁰³. Nas grandes cidades, famílias inteiras vivem sob viadutos, em calçadas ou em estruturas abandonadas, enquanto imóveis ociosos se acumulam em zonas valorizadas. A especulação imobiliária, alimentada por interesses privados e políticas públicas tímidas ou coniventes, transforma a cidade em mercadoria, expulsando os mais pobres para as margens – físicas e simbólicas – da vida urbana.

A crise da saúde pública é outro indicativo dessa erosão do pacto comunitário. Embora o Sistema Único de Saúde (SUS) seja uma das maiores conquistas democráticas do país, a sua estrutura vive sob ameaça constante¹⁰⁴: subfinanciamento crônico, sucateamento de equipamentos, falta de profissionais, e desigualdade no acesso entre regiões e classes sociais. A pandemia de COVID-19 escancarou a desigualdade na prestação de serviços: enquanto hospitais privados ofereceram terapias de ponta, grande parte da população pobre enfrentou filas, negligência e ausência de cuidados básicos. O direito à saúde, portanto, tornou-se gradualmente uma variável de mercado, acessível em sua plenitude apenas para quem pode pagar.

No campo da educação, a lógica mercantil também avança. A precarização da escola pública, sobretudo nas periferias e nas áreas rurais, contrasta com a proliferação de instituições privadas de ensino que tratam a educação como produto. Escolas públicas sem estrutura mínima convivem com professores mal remunerados e sobrecarregados, enquanto os currículos se distanciam das realidades locais e da formação cidadã. Em 2022, o Brasil registrava

¹⁰³ Brasil registra déficit habitacional de 6 milhões de domicílios. Disponível em: <https://fjp.mg.gov.br/brasil-registra-deficit-habitacional-de-6-milhoes-de-domicilios/>. Acesso em: 12 maio 2025.

¹⁰⁴ Sistema Único de Saúde comemora 34 anos de democracia e cidadania. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202409/sistema-unico-de-saude-comemora-34-anos-de-democracia-e-cidadania>. Acesso em: 12 maio 2025.





mais de 1,5 milhão de crianças e adolescentes fora da escola, segundo o Unicef¹⁰⁵. Para os que frequentam as instituições, a evasão e o baixo rendimento escolar são frequentemente sintomas de uma sociedade que **naturalizou o fracasso das camadas populares como destino inevitável**.

A mobilidade urbana, por sua vez, é um dos maiores obstáculos à vida comunitária nas cidades brasileiras. O tempo médio de deslocamento diário de trabalhadores em regiões metropolitanas ultrapassa 2 horas, refletindo um modelo de cidade desigual, fragmentada e segregada. O transporte público, caro e ineficiente, limita o acesso à educação, ao trabalho, à cultura e à convivência. A mobilidade, que deveria ser um facilitador da cidadania, torna-se uma fonte de exclusão. Os protestos de 2013, detonados por um aumento de R\$ 0,20 na tarifa de ônibus em São Paulo¹⁰⁶, foram o estopim de uma insatisfação mais ampla: a percepção de que os direitos básicos estão sendo, sistematicamente, transformados em privilégios. De lá para cá, embora tenha havido esforços, não conquistamos muito em termos de mobilidade urbana.

Essa conjuntura reflete os efeitos acumulados das políticas de exclusão, que, ao longo de décadas, operaram por meio da fragmentação social e da negação de direitos. E é justamente numa realidade como essa que a lógica do Estado mínimo, a desresponsabilização do poder público e a crescente influência de interesses privados nos espaços de decisão corroem a capacidade de resposta coletiva aos problemas comuns¹⁰⁷. A linguagem da eficiência substituiu o compromisso com a equidade e a justiça. Os direitos tornaram-se contratos, e o

¹⁰⁵ Cenário da Exclusão Escolar no Brasil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf> Acesso em: 12 maio 2025.

¹⁰⁶ Junho de 2013, 10 anos depois: os protestos que mudaram o país. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/06/04/junho-de-2013-10-anos-depois-os-protestos-que-mudaram-o-pais.ghtml> Acesso em: 12 maio 2025.

¹⁰⁷ A lógica do Estado mínimo. Disponível em: <https://www.ie.unicamp.br/observatorio-da-economia-contemporanea/politica-economica/a-logica-do-estado-minimo> Acesso em: 12 maio 2025.





cidadão, um cliente. Nesse cenário, os últimos vestígios do modelo comunitário – entendido como forma de vida compartilhada, de pertencimento e de construção de sentido coletivo – encontram-se profundamente ameaçado.

No entanto, mesmo diante desse quadro, há forças sociais que resistem. Movimentos populares, coletivos urbanos, organizações de base e redes comunitárias têm protagonizado importantes lutas pela reconstrução de vínculos solidários e pela efetivação de direitos. O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), por exemplo, articula ocupações urbanas e projetos de habitação popular com forte protagonismo das mulheres e das juventudes periféricas¹⁰⁸. Em diversas cidades, grupos de mães e familiares de vítimas da violência policial transformaram a dor em mobilização política, exigindo justiça e mudanças estruturais nas políticas de segurança¹⁰⁹.

Há também iniciativas de educação popular, cooperativas solidárias, hortas urbanas, mutirões culturais¹¹⁰ e redes de cuidados que buscam reconstituir o tecido social rompido, enfrentando a lógica da indiferença com ações concretas de empatia e construção de pertencimento. São experiências que, embora localizadas e muitas vezes invisibilizadas, operam como **anticorpos comunitários**, reatando os fios de uma sociabilidade desfeita.

Portanto, falar em falência do modelo comunitário no Brasil não é reconhecer sua morte definitiva, mas sim **denunciar o processo violento de sua desmontagem e afirmar a necessidade urgente de sua reconstrução**. Essa reconstrução não virá apenas por decretos ou programas de governo, mas a partir

¹⁰⁸ MTST: conheça o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. Disponível em: <https://www.politize.com.br/mtst-conheca-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/> Acesso em: 12 maio 2025.

¹⁰⁹ O movimento de mães contra a violência policial nas periferias brasileiras. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136030002> Acesso em: 12 maio 2025.

¹¹⁰ Hortas comunitárias como atividade promotora de saúde: uma experiência em Unidades Básicas de Saúde. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152010.00352015> Acesso em: 12 maio 2025.





do fortalecimento das formas de organização popular, da revalorização do comum e da retomada do projeto de um país onde a dignidade humana não seja uma exceção, mas a regra.

A crise humanista brasileira não é apenas reflexo de políticas equivocadas, mas de um imaginário social adoecido, que precisa ser curado pela prática cotidiana do cuidado, da justiça e da comunidade. O desafio que se impõe é o de reverter a indiferença que se institucionalizou, substituindo-a por uma nova ética da convivência, baseada na escuta, na partilha e na reconstrução de vínculos. Em tempos de desumanização crescente, fazer comunidade é, mais do que nunca, um ato radical de esperança.

3.4 Um exemplo concreto: a experiência da Cáritas Brasileira no Regional Nordeste 2

A complexidade dos fluxos migratórios contemporâneos exige respostas humanitárias qualificadas e, nesse sentido, a Igreja Católica do Brasil tem assumido um importante papel, a partir de sua ação pastoral, com um apoio estruturado a migrantes, refugiados e apátridas, tendo como inspiração a visão profética do Papa Francisco que apontou que essa ação deve ser alicerçada em quatro verbos:

- Acolher: Ir ao encontro, escutar e dar as boas-vindas. É o gesto inicial de solidariedade, que reconhece a dignidade da pessoa humana independentemente de sua origem.
- Proteger: Garantir a segurança e a integridade física e moral dos migrantes, refugiados e apátridas, defendendo seus direitos e evitando a exploração e a violência.





- Promover: Capacitar e empoderar os migrantes, refugiados e apátridas para que possam desenvolver seus talentos e contribuir para a sociedade, reconhecendo-os como protagonistas de seu próprio futuro.
- Integrar: Favorecer o processo de inclusão social e cultural, permitindo que os migrantes e refugiados participem plenamente da vida da sociedade de acolhimento, mantendo suas identidades e culturas.

Nesse sentido, a Cáritas Brasileira, organismo da CNBB que tem como fundador e patrono Dom Helder Camara, desde 2018 iniciou uma experiência com a implantação de “Casas de Direitos” em cidades como Recife, Boa Vista, Porto Velho, São Paulo, Curitiba e Florianópolis, espaços em que, com uma atuação pautada nos princípios da solidariedade e da defesa dos direitos humanos, oferece suporte abrangente a pessoas migrantes, refugiadas e apátridas em situação de vulnerabilidade, facilitando a integração e promovendo a dignidade dessas pessoas. A fim de dar concretude à reflexão aqui desenvolvida, focalizaremos o que se desenvolve no Regional Nordeste 2 da CNBB, certos de que outras iniciativas equivalentes abundam em várias partes do nosso grande Brasil.

Na província eclesiástica de Olinda e Recife, a Casa de Direitos, coordenada pela Cáritas Brasileira Regional Nordeste 2 – CBNE2, fica na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e representa um núcleo multifacetado de acolhimento e apoio. Desde sua inauguração, a iniciativa tem sido um ponto de referência crucial para pessoas migrantes e refugiadas no estado de Pernambuco. Atualmente, a Casa de Direitos de Pernambuco acompanha cerca de 200 famílias de pessoas migrantes, refugiadas e apátridas, oferecendo uma gama de serviços essenciais para a superação de desafios e a construção de novas perspectivas de vida no estado.

Os serviços oferecidos pela Casa de Direitos são fundamentais para garantir acesso a direitos e dignidade às pessoas que são atendidas:





- Regularização Migratória e Documental: A equipe da Casa de Direitos presta assistência direta na orientação e acompanhamento dos processos de regularização documental, um passo indispensável para a plena cidadania e acesso a outros direitos no Brasil. Isso inclui a emissão e renovação de protocolos de refúgio, migração e residência.
- Acesso a Serviços Essenciais: O apoio se estende à indicação e facilitação do acesso a serviços públicos cruciais nas áreas de assistência social, educação e saúde. A Casa de Direitos atua como uma ponte, conectando as famílias aos programas e equipamentos disponíveis, como os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), escolas e unidades de saúde, garantindo que suas necessidades básicas sejam atendidas.
- Apoio Psicossocial e Jurídico: Além da regularização e acesso a serviços, a Casa de Direitos oferece atendimento psicossocial e jurídico, essenciais para lidar com os traumas do deslocamento e garantir a proteção de direitos em diversas esferas.
- Geração de Renda: Com o objetivo de favorecer a ampla integração das pessoas migrantes, refugiadas e apátridas, a Casa de Direitos também tem se engajado em iniciativas de formação e capacitação profissional, desenvolvendo habilidades e o associativismo como alternativas para a promoção de autonomia financeira.
- Entrega de kits de higiene, doação de roupas e alimentação.

A atuação da CBNE2 transcende o atendimento direto e se expande para o fortalecimento das estruturas de governança e políticas públicas. Um marco importante nesse sentido é o apoio decisivo da CBNE2 na instauração do Comitê Estadual de Políticas Públicas para Promoção dos Direitos dos Migrantes, Refugiados e Apátridas de Pernambuco (CEPMIGRA).





O CEPMIGRA foi criado em 2022 e sua formação representa um avanço significativo na articulação e coordenação de ações voltadas para as populações migrantes em Pernambuco. A CBNE2 tem sido uma voz ativa na defesa de direitos da população migrante no território e na construção do comitê, contribuindo com sua expertise e experiência na área.

A participação ativa e crítica da Cáritas Brasileira, assim como de outras organizações e serviços da Igreja Católica tem sido fundamentais em eventos e discussões relacionadas à política migratória em todo o Brasil tem um papel fundamental na definição de propostas e estratégias para a área, de modo que, em coerência com sua missão institucional, coloca em prática um modelo de solidariedade transformadora, que busca não somente suprir necessidades imediatas, mas também construir um futuro inclusivo e justo para todas as pessoas, reverberando o chamado da Igreja para um acolhimento humanitário e integral.

4 IMPACTOS, DESAFIOS E INTERSECÇÕES

Diante desse cenário, torna-se essencial compreender os impactos da migração e suas intersecções com aspectos sociais, econômicos e culturais, tanto para os migrantes quanto para as comunidades que os recebem.

4.1 Impactos econômicos e sociais dos fluxos migratórios e da indiferença

Os fluxos migratórios – internos e externos – geram transformações profundas na estrutura socioeconômica e urbana de um país, e o Brasil não é exceção. No entanto, esses impactos são mediados, em grande medida, pelo modo como o poder público, o mercado e a sociedade civil respondem à chegada (ou saída) de populações. Em um contexto marcado por altos níveis de desigualdade e por uma cultura de indiferença estrutural às populações mais vulneráveis, os efeitos das





migrações são amplificados por políticas públicas fragmentadas, preconceitos históricos e ausência de planejamento territorial.

O primeiro e mais imediato impacto dos deslocamentos populacionais ocorre no **mercado de trabalho**. Em grandes centros urbanos como São Paulo, Brasília e Manaus, a chegada de migrantes – sejam nordestinos em busca de oportunidades ou refugiados venezuelanos – pressiona setores informais da economia, nos quais predominam relações precárias, baixos salários e ausência de proteção social¹¹¹. Migrantes e deslocados internos ocupam frequentemente postos de trabalho considerados “indesejados” pela população local, como serviços de limpeza, construção civil, entregas ou empregos domésticos. Ainda que esses trabalhadores contribuam ativamente para o funcionamento das cidades, seu reconhecimento social e institucional é mínimo, e seu acesso a direitos laborais é muitas vezes negado.

Ao mesmo tempo, os fluxos migratórios também são motores importantes de dinamização econômica. Diversos estudos mostram que migrantes, quando bem integrados, aumentam a produtividade, diversificam a base econômica local e estimulam o consumo¹¹². No interior do Brasil, por exemplo, cidades médias têm experimentado crescimento econômico impulsionado por fluxos migratórios regionais – como nas áreas de agronegócio, turismo ou polos universitários. No entanto, os benefícios desses fluxos tendem a ser capturados de forma desigual, ampliando a exclusão em vez de reduzi-la quando não há políticas públicas estruturadas que promovam a equidade.

¹¹¹ Reforçar a proteção social dos trabalhadores migrantes: desafios e estratégias no Leste e no Chifre da África. Disponível em: <https://www.ilo.org/resource/article/enhancing-social-protection-migrant-workers-challenges-and-strategies-east> Acesso em: 12 maio 2025.

¹¹² Imigrantes fazem bem à economia, conclui estudo. Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/imigrantes-fazem-bem-a-economia-conclui-estudo/> Acesso em: 12 maio 2025.





Outro impacto fundamental dos deslocamentos populacionais ocorre na **estrutura urbana**. A urbanização desordenada, somada à ausência de políticas habitacionais consistentes, tem levado os migrantes a ocuparem zonas periféricas, ambientalmente frágeis ou de risco – como encostas, áreas de várzea ou terrenos baldios¹¹³. O resultado é o crescimento de favelas e ocupações informais, frequentemente marcadas pela precariedade dos serviços básicos, insegurança jurídica sobre a posse da terra e vulnerabilidade frente a desastres ambientais. Em muitos casos, o próprio Estado contribui para essa marginalização, criminalizando os assentamentos populares em vez de garantir seu direito à cidade¹¹⁴.

A indiferença estrutural com que o poder público trata esses grupos migrantes aprofunda ainda mais as desigualdades. A falta de políticas de acolhimento, de regularização documental, de reconhecimento cultural e de integração socioeconômica torna o processo migratório mais penoso do que ele precisaria ser. Famílias inteiras vivem por anos em situações provisórias – em abrigos, ocupações ou assentamentos improvisados – sem acesso pleno à educação, saúde ou emprego formal. Esse abandono institucional revela uma concepção de cidadania excludente, na qual o pertencimento pleno depende do local de nascimento, da cor da pele, da classe social ou da língua falada.

Há também efeitos subjetivos da indiferença e da ausência de pertencimento. Migrantes e deslocados frequentemente enfrentam processos de desidentificação, discriminação e violência simbólica. Sua presença é muitas vezes percebida como “peso” ou “problema”, quando na verdade eles são sujeitos ativos de reconstrução de comunidades, saberes e economias locais. Essa

¹¹³ Viver em áreas de risco: Reflexões sobre vulnerabilidades socioambientais. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Viver-em-areas-de-risco_reflexoes.pdf Acesso em: 12 maio 2025.

¹¹⁴ As ocupações urbanas, a luta pela moradia e o direito à cidade. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/06/as-ocupacoes-urbanas-a-luta-pela-moradia-e-o-direito-a-cidade/> Acesso em: 12 maio 2025.





hostilidade social, alimentada por discursos xenófobos, racistas e elitistas, compromete a possibilidade de construção de uma sociedade plural e solidária. A indiferença, nesse contexto, não é apenas omissão: é forma de **violência estrutural**.

Por outro lado, é importante reconhecer que as migrações também desafiam e tensionam as estruturas de exclusão. Em muitos territórios urbanos e rurais, a presença de migrantes tem reconfigurado redes de solidariedade e fortalecido movimentos sociais. Experiências como as cozinhas comunitárias em ocupações urbanas, as escolas bilíngues em regiões de fronteira, ou os mercados populares organizados por imigrantes africanos em cidades como São Paulo¹¹⁵, demonstram que a mobilidade humana, quando acolhida com dignidade, pode ser fonte de inovação social e cultural.

É nesse ponto que os impactos da migração e da indiferença se entrelaçam: a forma como a sociedade responde aos deslocamentos humanos define se eles serão experiências de exclusão ou de reconstrução. Um Estado que trata migrantes como cidadãos de segunda classe, que não planeja políticas urbanas inclusivas, nem reconhece os saberes e necessidades dessas populações, está fadado a reproduzir as mesmas assimetrias históricas que sustentam a desigualdade brasileira. Por outro lado, uma sociedade que enxerga nos migrantes agentes de transformação pode reinventar seus próprios modelos de convivência.

Portanto, os impactos econômicos e sociais dos fluxos migratórios no Brasil não são homogêneos, tampouco inevitavelmente negativos. Eles são profundamente dependentes do modo como o país lida com suas próprias contradições: entre crescimento econômico e justiça social, entre direito e privilégio, entre indiferença e acolhimento. Nesse sentido, **a crise da indiferença é**

¹¹⁵ Cozinhas em áreas de ocupação urbanas recebem alimentos do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/30/cozinhas-em-areas-de-ocupacao-urbanas-recebem-alimentos-do-programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa/>. Acesso em: 12 maio 2025.





também uma crise de projeto nacional. Um projeto que ainda não aprendeu a conviver com a diversidade, que trata o deslocado como estrangeiro, e que vê na mobilidade humana uma ameaça em vez de uma oportunidade de renovação.

A superação dessa crise exige mais do que políticas públicas específicas para migrantes. Exige uma mudança de paradigma: a construção de uma nova cultura política baseada na justiça territorial, na hospitalidade e na escuta. Um país que reconhece sua própria história de migrações — internas e externas — como parte constitutiva de sua identidade não pode continuar tratando seus migrantes como invisíveis. O futuro do Brasil dependerá, em grande medida, da forma como escolherá integrar, acolher e respeitar aqueles que se movem em busca de vida digna.

4.2O papel das políticas públicas

Em um país de dimensões continentais como o Brasil, marcado por desigualdades históricas profundas e por intensos fluxos migratórios internos e externos, as políticas públicas deveriam ocupar papel central na promoção de justiça social, acolhimento e integração cidadã. No entanto, o que se observa na prática é a persistência de um modelo de formulação e implementação de políticas públicas fragmentado, excludente e pouco sensível à diversidade dos sujeitos sociais. As falhas na articulação entre as esferas federativas, a descontinuidade das iniciativas e a fragilidade dos instrumentos de participação popular comprometem gravemente a efetividade das ações de proteção social e de integração dos grupos vulnerabilizados.

A partir da Constituição Federal de 1988, o Brasil passou a contar com um marco jurídico que reconhece os direitos sociais como fundamentais, exigindo do Estado políticas públicas voltadas à educação, saúde, moradia, segurança alimentar, assistência social, entre outros. O Sistema Único de Saúde (SUS), o





Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e as políticas de habitação popular são frutos dessa nova configuração. No entanto, essas conquistas têm sido sistematicamente minadas por cortes orçamentários, privatizações, terceirizações e pela lógica da austeridade fiscal, que subordina os direitos sociais às exigências do mercado e do capital financeiro.

No que diz respeito às políticas de acolhimento e integração de migrantes, tanto internos quanto internacionais, o cenário é igualmente problemático. Apesar da promulgação da **Lei de Migração (Lei nº 13.445/2017)**, que representou um avanço ao substituir o antigo Estatuto do Estrangeiro e reconhecer os migrantes como sujeitos de direitos, sua aplicação prática esbarra em uma série de obstáculos. Faltam políticas coordenadas entre União, estados e municípios, bem como infraestrutura adequada para garantir acesso à documentação, moradia, saúde, educação e oportunidades de trabalho. Migrantes e refugiados – como os milhares de venezuelanos que cruzaram a fronteira nos últimos anos – são frequentemente lançados em situações de extrema precariedade, sem redes de apoio ou programas de integração duradouros.

Em nível local, algumas experiências exitosas mostram que é possível reverter esse quadro. Cidades como São Paulo, Boa Vista e Porto Alegre desenvolveram, em diferentes graus, políticas de acolhimento que envolvem parcerias com organizações da sociedade civil, capacitação profissional, acolhimento emergencial e encaminhamento para o mercado de trabalho. Ainda assim, essas iniciativas são pontuais, altamente dependentes de contextos políticos específicos, e raramente se articulam a uma política nacional robusta. A falta de uma estratégia de longo prazo transforma as políticas de acolhimento em respostas emergenciais, e não estruturais.

Outro fator que dificulta a efetividade das políticas públicas é a ausência de um modelo de governança que seja, de fato, **inclusivo e participativo**. Os conselhos de políticas públicas – como os de saúde, educação, assistência social





– foram criados como instrumentos de controle social e participação cidadã. Contudo, muitos foram esvaziados ou extintos nos últimos anos, especialmente durante governos que adotaram uma postura de desmonte das instâncias democráticas. Essa retração do espaço público de deliberação aprofunda o abismo entre o Estado e a população, especialmente os grupos historicamente silenciados, como povos indígenas, comunidades quilombolas, migrantes, mulheres negras, pessoas LGBTQIA+ e moradores de periferias urbanas.

A urgência de um novo modelo de governança não é apenas técnica, mas ética e civilizatória. É preciso repensar profundamente as formas de formular, implementar e avaliar políticas públicas, partindo da escuta ativa das comunidades, do reconhecimento de saberes diversos e da construção coletiva de soluções. Um modelo inclusivo deve abandonar a lógica vertical e assistencialista, substituindo-a por práticas horizontais de cooperação, cogestão e autonomia comunitária. Isso exige vontade política, mas também uma reconfiguração institucional profunda.

As desigualdades sociais brasileiras não serão superadas por políticas públicas meramente compensatórias ou focadas na emergência. É necessário construir políticas estruturantes, que atuem nas causas da exclusão e não apenas em seus efeitos. Por exemplo, não basta garantir cestas básicas em períodos de crise; é preciso investir em segurança alimentar, reforma agrária, agricultura familiar e educação nutricional. Não basta acolher migrantes em abrigos provisórios; é preciso assegurar moradia digna, acesso à renda, e políticas culturais que valorizem sua identidade.

A **intersectorialidade** é outro ponto-chave nesse novo paradigma. A fragmentação das políticas públicas – em “caixinhas” que não se comunicam – impede uma resposta integrada aos problemas complexos vividos pela população. A pobreza, por exemplo, não é apenas falta de renda: envolve precariedade habitacional, exclusão educacional, violência urbana, racismo





estrutural, entre outros fatores. Por isso, o trabalho conjunto entre diferentes áreas (saúde, educação, assistência, habitação, cultura, transporte) é essencial para garantir o direito à cidade e à cidadania plena.

Por fim, a indiferença institucional – traduzida na morosidade, na burocracia excessiva, na falta de empatia de agentes públicos e na invisibilidade estatística de certos grupos – é um dos maiores entraves à construção de políticas públicas eficazes. Reverter essa lógica exige uma mudança cultural no serviço público, com formação continuada, valorização do trabalho humanizado e compromisso com o enfrentamento das desigualdades.

O Brasil tem, portanto, o desafio de reconstruir um Estado social ativo, presente nos territórios e comprometido com a justiça. A reconstrução das políticas públicas – especialmente num contexto de fluxos migratórios intensos e exclusão agravada – passa pela valorização da escuta, pela cooperação federativa e pela mobilização da sociedade civil. A governança participativa não é utopia: é a única saída possível para a reconstrução de um projeto coletivo, no qual cada pessoa, independentemente de onde venha ou onde esteja, possa viver com dignidade.

5 SÍNTESE DA CONJUNTURA NACIONAL

Pensando no alcance e na finalidade institucional deste texto, também previmos uma breve seção sobre a conjuntura nacional, lida nas imediações da redação final, incluindo, sobretudo, uma análise da economia e da política.

Os dados do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, relativos ao primeiro trimestre de 2025, recentemente divulgados, registram um crescimento de 2,9% em





relação ao mesmo período do ano anterior, segundo o IBGE¹¹⁶. O resultado manteve o Brasil entre as economias que mais crescem no mundo neste período, ocupando a quinta posição em um ranking global de 49 países¹¹⁷, superando, inclusive, Estados Unidos e China. O desempenho positivo foi puxado pela agropecuária, que avançou 10,2% no trimestre, enquanto os setores de serviços e indústria apresentaram estabilidade, refletindo tanto as condições climáticas favoráveis para a safra quanto a recuperação gradual da demanda interna.

No mercado de trabalho, os dados também indicam melhora. A taxa de desemprego caiu para 6,6% no trimestre encerrado em abril de 2025¹¹⁸, atingindo o menor patamar para o período desde 2012¹¹⁹. Paralelamente, a massa de rendimentos reais habituais alcançou R\$ 349,4 bilhões, uma alta de 5,9% em relação a abril de 2024, de acordo com o IBGE. O aumento da renda está associado tanto à geração de empregos formais quanto aos reajustes do salário-mínimo, colaborando para um cenário de consumo interno mais aquecido.

Apesar dos dados positivos apresentados pelo cenário macroeconômico, a popularidade do governo continua em baixa. Segundo levantamento divulgado pelo Datafolha em junho de 2025, apenas 28% dos brasileiros avaliam o governo Lula como ótimo ou bom, enquanto 31% consideram a gestão regular e outros 40% classificam como ruim ou péssimo. Esses índices têm piorado desde o início do ano, refletindo que mesmo os avanços em áreas como geração de empregos e

¹¹⁶ PIB cresce 2,9% no primeiro trimestre de 2025 na comparação com mesmo período de 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/05/pib-cresce-2-9-no-primeiro-trimestre-de-2025-na-comparacao-com-mesmo-periodo-de-2024> Acesso em: 22 jun. 2025.

¹¹⁷ Brasil tem 5º maior alta do PIB no mundo no 1º tri de 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/brasil-tem-5a-maior-alta-do-pib-no-mundo-no-1o-tri-de-2025-veja-o-ranking/> Acesso em: 22 jun. 2025.

¹¹⁸ Taxa de desemprego no trimestre até abril cai para 6,6%, mostra IBGE. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2025/05/29/taxa-de-desemprego-no-trimestre-ate-abril-cai-para-66-mostra-ibge.htm> Acesso em: 22 jun. 2025.

¹¹⁹ Massa de renda de R\$ 349,4 bi no tri até abril é novo recorde da série, aponta IBGE. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2025/05/29/massa-de-renda-de-r-3494-bi-no-tri-ate-abril-e-novo-recorde-da-serie-aponta-ibge.htm> Acesso em: 22 jun. 2025.





crescimento do PIB não parecem ser suficientes para contrabalançar o peso do aumento do custo de vida e da inflação de alimentos na percepção pública sobre o estado da economia nacional.

Nesse sentido, a inflação segue acima da meta estipulada pelo Banco Central. O IPCA acumulado em 12 meses ficou em 5,32% em maio de 2025¹²⁰, acima do teto da meta oficial (4,5%), sendo o arroz, o café, os ovos e o açúcar os grandes vilões. No entanto, nos dados recentemente divulgados, houve uma desaceleração dos preços de alimentos, com o grupo alimentação e bebidas registrando alta de apenas 0,17% em maio, contra 0,82% em abril. Essa desaceleração reflete a influência positiva de uma safra agrícola robusta e o recuo nos preços de alguns insumos, mas o impacto, principalmente no orçamento das famílias de baixa renda ainda é pequeno.

Apesar de identificar nos alimentos o núcleo duro da escalada inflacionária, na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), realizada em junho, o Banco Central do Brasil decidiu elevar a taxa Selic para 15,0% ao ano. O comunicado do Copom destacou que, diante dos choques de oferta e da resiliência do consumo, era necessário manter uma política monetária restritiva para ancorar as expectativas do mercado e assegurar a convergência da inflação para o centro da meta nos próximos trimestres¹²¹.

O aumento da Selic, entretanto, tem repercussões profundas sobre as finanças públicas. O impacto mais imediato se dá sobre o custo da dívida pública federal, uma vez que grande parte dos títulos emitidos pelo Tesouro Nacional é atrelada à taxa básica de juros. Com a Selic em 15,0%, o pagamento de juros pelo setor público ultrapassa, no acumulado de 12 meses, a marca histórica de um

¹²⁰ IPCA desacelera e sobe em 0,26% em maio, dado abaixo do esperado. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/ipca-sobe-em-026-em-maio-diz-ibge-abaixo-do-esperado/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

¹²¹ Atas do Comitê de Política Monetária – Copom. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/atascopom>. Acesso em: 22 jun. 2025.





trilhão de reais¹²². Este valor representa não apenas um recorde nominal, mas também um peso significativo sobre o orçamento federal, limitando a capacidade do governo de investir em áreas estratégicas e de ampliar programas sociais.

O pagamento de juros elevado pressiona o resultado fiscal, dificulta o cumprimento das metas de ajuste das contas públicas e restringe o espaço para políticas anticíclicas. Além disso, uma Selic nesse patamar encarece o crédito para empresas e famílias, desestimula o investimento produtivo e pode moderar o ritmo de recuperação do emprego e do PIB nos próximos trimestres. Economistas e analistas de mercado têm alertado que o Brasil, por conta disto, corre o risco de entrar em uma armadilha de juros altos e baixo crescimento.

O desafio do governo agora é equilibrar a necessidade de manter a inflação sob controle com a sustentabilidade fiscal e o estímulo ao crescimento econômico, em um cenário em que a despesa com juros da dívida já consome uma parcela expressiva dos recursos públicos.

Como parte de um esforço para elevar a arrecadação e compensar perdas fiscais decorrentes de desonerações e da manutenção de benefícios setoriais e, assim, tentar equilibrar as contas públicas o Ministério da Fazenda apresentou um conjunto de medidas, dentre as quais o aumento das alíquotas do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras), argumentando que a medida seria temporária e teria efeito redistributivo limitado, sem onerar diretamente a população de baixa renda.

A resposta do Congresso foi rápida e majoritariamente negativa. Lideranças do Centrão e de bancadas empresariais pressionaram o governo por alternativas, exigindo cortes de despesas e maior rigor na revisão de subsídios antes de qualquer elevação de tributo sobre o sistema financeiro.

¹²² Brasil se aproxima de gasto histórico com juros por conta da Selic. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/04/08/r-1-trilhao-brasil-se-aproxima-de-gasto-historico-com-juros-por-conta-da-selic/> Acesso em: 22 jun. 2025.





Os bancos, por meio da Febraban (Federação Brasileira de Bancos), também manifestaram publicamente preocupação, alertando que o encarecimento do crédito, especialmente em um cenário de Selic elevada, pode agravar a desaceleração da economia, reduzir a demanda por empréstimos e afetar a inadimplência. Executivos do setor defendem que a solução para o desequilíbrio fiscal passa por controle de gastos, e não pelo aumento da carga tributária sobre o crédito e as operações financeiras¹²³.

Diante da resistência do Congresso e do setor bancário, o governo tem negociado alternativas. Técnicos da Fazenda e da Casa Civil buscam um meio-termo que envolva eventuais ajustes na alíquota, possibilidade de isenções para operações de menor valor ou prazos limitados para a vigência da medida. Líderes do governo articulam um texto substitutivo no Congresso para evitar derrotas e manter a credibilidade da política fiscal, ao mesmo tempo em que o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Mota¹²⁴, sinalizou que não há clima para aumento de impostos sem uma ampla negociação com os setores envolvidos.

Até o momento, as negociações permanecem em aberto, com a equipe econômica indicando disposição para diálogo, mas mantendo o argumento de que alguma elevação de receita é imprescindível para evitar o agravamento do déficit fiscal. O desfecho dependerá da capacidade de articulação política do governo e do ambiente econômico nas próximas semanas.

¹²³ Entidades dos bancos e das indústrias criticam aumento do IOF. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2025/05/23/entidades-dos-bancos-e-das-industrias-criticam-aumento-do-iof.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 22 jun. 2025.

¹²⁴ Congresso resiste a pacote fiscal do governo e rejeita aumento do IOF. Disponível em: https://www.trbn.com.br/materia/1132077/congresso-resiste-a-pacote-fiscal-do-governo-e-rejeita-aumento-do-iof#google_vignette Acesso em: 22 jun. 2025.





6 SINAIS DE ESPERANÇA

Apesar do cenário adverso marcado por desigualdades persistentes, fluxos migratórios desassistidos e a erosão do pacto comunitário, emergem, em diversos cantos do Brasil e do mundo, iniciativas e práticas que apontam para possibilidades reais de transformação. Em meio à indiferença estruturada e institucionalizada, florescem sinais de resistência, cuidado e construção coletiva – sementes de esperança plantadas nos territórios, nas redes de solidariedade e nas espiritualidades que sustentam a vida. Como lembrou recentemente o Papa Leão XIV em seu texto divulgado para o Dia do Pobre de 2025, “todos somos chamados a criar novos sinais de esperança que testemunhem a caridade cristã, como fizeram, em todas as épocas, muitos santos e santas”¹²⁵.

Entre esses sinais, destacam-se as iniciativas protagonizadas por comunidades tradicionais – povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e camponeses – que não apenas resistem à homogeneização cultural e ao avanço predatório do capital, como oferecem outros modos de conceber a existência. Essas comunidades organizam-se de forma comunitária, com base em valores como reciprocidade, cuidado com a terra, respeito aos ancestrais e partilha de saberes. A luta dos povos indígenas pela demarcação de seus territórios não é apenas uma luta por espaço físico, mas por uma concepção de mundo onde a vida é relacional e interdependente.

No campo urbano, crescem também experiências de organização popular que apontam para outra lógica de sociabilidade. Redes de solidariedade alimentares, associações de bairro, coletivos culturais de periferia, cooperativas de catadores e grupos de economia solidária têm se multiplicado, especialmente em

¹²⁵ Papa Leão XIV: somos chamados a criar novos sinais de esperança. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-06/papa-leao-xiv-mensagem-dia-mundial-pobres-novos-sinais-esperanca.html> Acesso em: 16 jun 2025.





resposta às crises recentes. Durante a pandemia de COVID-19, por exemplo, diversas comunidades se mobilizaram para distribuir alimentos, cuidar dos doentes, proteger os idosos e garantir a circulação de informações confiáveis, numa demonstração clara de que a força coletiva ainda pulsa. Essas experiências não substituem o papel do Estado, mas mostram que há potência organizativa nos territórios, muitas vezes silenciada pelas narrativas oficiais.

As juventudes periféricas, negras e indígenas também têm sido protagonistas de mudanças significativas. Por meio da arte, da tecnologia, da educação popular e das redes digitais, elas têm construído narrativas contra-hegemônicas, disputando espaço na esfera pública e politizando sua presença. Projetos como o “PerifaCon”¹²⁶, os coletivos de mídia independente e os saraus literários nas quebradas não são apenas expressões culturais, mas espaços de formação política, identidade e pertencimento. A cultura, nesse contexto, torna-se ato de resistência e de imaginação do porvir.

Além disso, em diferentes níveis, vê-se uma retomada do interesse por formas participativas de gestão pública. Municípios que investem em orçamentos participativos, conselhos populares ativos e políticas urbanas co-construídas com a população têm demonstrado que a democracia direta é possível e eficaz¹²⁷. Quando a escuta é genuína e os instrumentos de decisão são colocados nas mãos da população, cresce a confiança nas instituições e a corresponsabilidade social se fortalece. Embora ainda sejam experiências localizadas, esses exemplos funcionam como laboratórios de um novo modelo de governança – mais justo, inclusivo e horizontal.

¹²⁶ Ver em: <https://perifacon.com.br/> Acesso em: 12 maio 2025.

¹²⁷ Orçamento participativo: como funciona e como participar. Disponível em: <https://www.politize.com.br/orcamento-participativo-como-funciona/#:~:text=O%20or%C3%A7amento%20participativo%20%C3%A9%20um,processos%20de%20participa%C3%A7%C3%A3o%20da%20comunidade>. Acesso em: 12 maio 2025.





No plano internacional, apesar das fragilidades das instituições multilaterais, vozes proféticas continuam a ecoar. O Papa Francisco, em documentos como a encíclica *Fratelli Tutti* e em seus discursos sobre a crise migratória, reafirmou a centralidade da dignidade humana e do acolhimento. A imagem de **Jesus como migrante**, sem lugar para nascer e obrigado a fugir da perseguição ainda na infância, oferece uma chave espiritual poderosa para reinterpretar os dramas contemporâneos à luz do compromisso ético cristão com os últimos.

Essa imagem, aliás, pode ser expandida: **todos nós somos migrantes**, não apenas no sentido físico, mas existencial. Migramos da infância à maturidade, da ignorância ao conhecimento, da dor à esperança. Somos seres em trânsito, em busca de sentido, de casa, de reconhecimento. A condição migrante, nesse sentido, não é um desvio, mas a própria marca da humanidade. Reconhecê-la é aproximar-nos uns dos outros. É entender que o outro, o estranho, o deslocado, não ameaça nossa identidade, mas revela nossa incompletude e nos chama à comunhão.

